



CAUSOS de Família

ORGANIZAÇÃO:
JOSE FELICIO
MÁRCIO MARTELLI



CAUSOS DE FAMÍLIA

Organização:

José Felício | Márcio Martelli





**VALHA-ME NOSSA SENHORA, MÃE DE DEUS DE
NAZARÉ! A VACA MANSA DÁ LEITE, A BRABA DÁ
QUANDO QUER. A MANSA DÁ SOSSEGADA, A BRABA
LEVANTA O PÉ. JÁ FUI BARCO, FUI NAVIO, MAS
HOJE SOU ESCALER. JÁ FUI MENINO, FUI HOMEM,
SÓ ME FALTA SER MULHER.**

Ariano Suassuna
em O Auto da Compadecida

Organização:José Felício e Márcio Martelli

Editor responsável:Márcio Martelli

Capa / Projeto gráfico e Editoração:.....Márcio Martelli

Revisão gramatical: José Felício e autores

Ilustrações / Fotos:Adobe Firefly / Acervo dos autores

Todos os direitos desta publicação são reservados e protegidos à Editora In House nos termos da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1825, de 20 de dezembro de 1907.

Os textos aqui reproduzidos são de autoria e responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião da Editora, nem dos organizadores desta Antologia.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor e dos organizadores.

Jundiaí, SP, dezembro de 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Causos de família / organização José Felício,
Márcio Martelli. -- Jundiaí, SP : Editora
In House, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-85-7899-735-9

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Felício,
José. II. Martelli, Márcio.

23-183592

CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira
B869.308

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



E TEM O SUMÁRIO...

E tem a ideia

Da antologia *Causos de Família*7

E tem também o

Prefácio9

E tem os causos...

Ou é macho ou é fêmea! / **Octávio Pessoa** 11

Entre o forno e o fogão 14

Um causo com muitos causos / **Martha Cimiterra** 16

O namorado de Carla / **Fábio Spina** 20

A revelação / **Kelly Cristina Galbieri** 23

Casados / **Aristeu de Campos Filho** 27

Os meus, os seus, os nossos / **Rosalie Gallo y Sanches**... 32

Incidente na fronteira / **Luiz Haroldo G. de Soutello** 36

O viúvo cobiçado / **Ana Celeste Pereira Ferreira** 39

Todos os laços / **Dam Nascimento** 46

Sopa de Letrinhas / **Ana Eulinda Marquesim Nóbrega** 48

O estranho causo de
um menino com três mães / **Aristides Almeida Rocha** 51

Uma aventura na Escócia / **Nadime Boueri Netto Costa** 55

Uma Páscoa Inesquecível / **Eduardo Cedeño Martellotta** 67

As águas vão rolar / **Gabriela Weber Buonocore** 69

Vários causos / **Dalton Luiz Sibinel** 71

O primeiro automóvel / Ivonete Piccinato de Freitas	74
Um vaso entupido / Susana Bueno de Souza	77
A baratinha do vovô / Thaty Marcondes	79
Alectícia: essa não veio no mundo a passeio / Dinah Thomazetto Zanatta	82
Filho e pai / José Felício	87
Dia de risos e deboche.....	89
Simplemente assim... / Herminia Aparecida Balbuena	90
Desconstrução! / Bel Lopes	92
Família de perto e de longe - Visão holística / Vanderlei Negro	95
Incompleta sinfonia / Verginia Lucchetta Di Nallo	97
A magia da fábrica de pirulitos!.....	99
Ao fritar dos lambaris... / Valderez de Mello	101
Você... Presente do céu!!! / Anna Maria Gallo	104
Os causos / Laurinda Augusta de Moraes	106
Nível de intelectualidade / Né Salomé	109
Deixa estar / João Aires de Vasconcelos	111
O Espírito do Natal / Mara Beatriz Menegotto de Vasconcelos ..	113
O casamento / Nilton Gutierrez	117
Vida de Editor / Márcio Martelli	119

E TEM A IDEIA...

DA ANTOLOGIA CAUSOS DE FAMÍLIA

Conte-nos o seu caso...

Todos têm histórias. Algumas boas, algumas ruins. Porém, todas levam a algo ou lugar, situação, momento que tivemos de passar.

Temos muitas histórias colecionadas durante mais de meio século. Algumas nos contaram, outras vivemos. Recheadas de risos fartos e choros angustiados, as histórias de vida acontecem, quer queiramos ou não.

Somos impulsionados a elas. Superamo-as. Estagamo-nos nelas.

E elas desfilam ao nosso redor como escola de samba. Ritmadas ou sem ritmo algum.

Se era uma vez ou não o fato é que tudo aconteceu... numa noite de verão, numa tarde chuvosa, com um amigo de um amigo meu... minha tia que me contou... foi um passarinho verde que me disse...

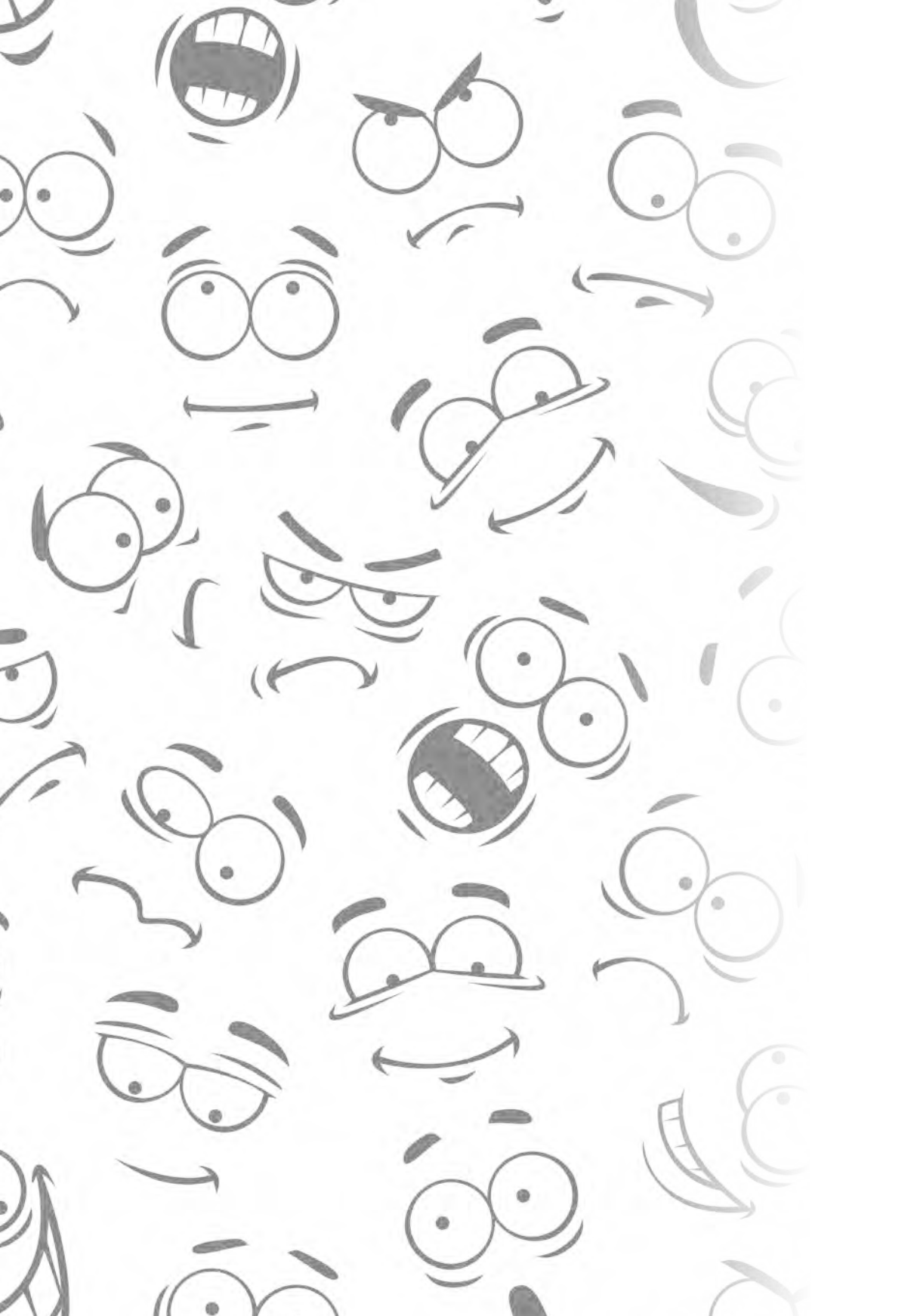
Essas são as histórias, os casos da vida real que nos inspiram a viver – a viver a nossa história.

E quem sabe chegar a um momento de êxtase e de pura felicidade?

Afinal, finais felizes não existem e sim, a continuidade da vida. Conte-me tudo... não me esconda nada...

E tem o caso...

Os organizadores



E TEM TAMBÉM O...

PREFÁCIO

Entre gargalhadas e lágrimas a vida acontece. Lágrimas de felicidade e lágrimas de tristeza. Gargalhadas de alegria e gargalhadas de desespero. Sorrisos alegres e sorrisos contrangidos. Gritos de comemoração e gritos que não deveriam acontecer. Casamentos e despedidas. Nascimentos e velórios. Festas e silêncios.

Famílias começam e, às vezes, terminam.

A casa da vó é sempre aquela com cheirinho de café, com colo carinhoso, muita saudade e conselhos de sabedoria.

As palavras, por vezes ficam e por vezes, perdem-se.

O amor, permanece. Permanece naqueles corações que nunca mais se esquecem, pois escolheram a qual família pertencer. Muito além de laços sanguíneos ou imposições sociais, família é composta por quem se ama, por quem se cuida, por quem se preocupa, por quem possui o belo cuidado com o outro.

A história nos possui como os objetos da estante empoeirada, alguns se quebram, alguns se perdem, alguns permanecem, alguns se vão, alguns retornam, alguns chegam. E, um dia, a estante também se vai.

O tempo nos leva com ele, mas deixa as lembranças. Fotos, vídeos, cartas, presentes. Mas no final, leva-os, assim como este livro que leva nossas palavras, um dia, será apenas lembrança.

Os organizadores



E TEM O CAUSO...

OU É MACHO OU É FÊMEA!



O sol nascendo na Fazenda Imperial, no lago do Macuricanã, no estado do Amazonas.

Naquela manhã, toda a família daquele pecuarista já estava na beira do curral, cada um com sua cuia com um pouco de farinha d'água no fundo, aguardando sua vez de receber o leite mugido, o tirado diretamente das tetas das vacas para a cuia do freguês, no início das manhãs.

Após esse típico café da manhã, em ocasiões especiais como aquela se dava a ferra do gado. Na sequência uma rês era abatida para fazer linguiça e outras delícias da vida interiorana. A ferra era a marcação das rezes com um ferro quente com a marca do criador de gado. Uma prática hoje abolida por impingir sofrimento às rezes. Enfim, eram outros tempos.

De vez em quando, passava pela ilhargá do curral, o Tonho, um simplório e ingênuo caboclo. Ele carregava dois grandes baldes com água que pendiam de uma peça de madeira que ele conduzia sobre os ombros. Afinal, essa era sua primeira obrigação de todas as manhãs. Tonho era uma figura afável que os outros julgavam meio amalucado. Suas “tiradas” eram hilárias. Os vaqueiros de pura sacanagem diziam que ele seria um filho bastardo do patrão. O Tonho adorava “tirar sarro” com os vaqueiros e os demais empregados, que de vez em quando o botavam pra correr.

Terminada a ferra do gado, uma rês foi abatida para alimentação de todos por um bom tempo. Um dos produtos que a criançada mais gostava era a linguiça. Quem comandava a produção das linguiças era a própria patroa, auxiliada por duas empregadas. Ela era a responsável pelo tempero. Às vezes, a moçada ajudava a cortar a carne e a gordura para encher as linguiças, após a tripa da rês ser muito bem lavada. As linguiças que iam sendo feitas eram amarradas por um barbante que ligava as suas extremidades, ficando num formato ligeiramente circular. Uma parte delas era destinada ao fumeiro, arame que ficava esticado acima do fogão a lenha. Ali elas envelheciam ao calor do fogo no decurso do tempo. Essas linguiças quando retiradas do fumeiro iam diretamente para a mesa de refeições, sem qualquer cozimento. Outra parte era consumida assada na brasa ainda no dia da ferra do gado. Era uma festa.

Abatida a novilha, constatou-se que ela estava “coberta”, ou seja, guardava em seu ventre um futuro bezerro.

Ou bezerra. E foi aí que o “pau torou”, entre vaqueiros e mais quem estava por perto do curral: qual seria o sexo da cria? Macho ou fêmea?

Explicações as mais estapafúrdias foram dadas. Seria fêmea porque ultimamente aquela novilha estava mugindo mais fino. Seria macho porque ela andava muito violenta dentro do curral. Outras e outras opiniões foram dadas, cada uma mais absurda que a outra.

O Tonho, que arriara os baldes d’água e apreciava a discussão, disse que parassem com aquela discussão boba porque só ele po-

CAUSOS DE FAMÍLIA

deria matar aquela charada. Todos ficaram surpresos e disseram em coro: – Então diz, abestado, qual é o sexo?

Ele levantou as mãos pros céus, como quem está tendo uma iluminação. Ao fim de longa concentração com muita gente já agoniada pelo veredito, ele sapecou:

– Ou é macho ou é fêmea!

(Deu uma sonora gargalhada e saiu correndo pra não levar uma chicotada).



OCTÁVIO PESSÔA

Natural de Parintins/AM, radicado em Belém/PA, graduado em Direito e Jornalismo pela UFPA. Autor de *Causos Amazônicos* (Crônicas) e *Asas de um rio - a saga dos Catalinas na Amazônia* (romance/documentário). Membro da Academia Maçônica de Letras do Pará/Amalep e da Academia Paraense de Jornalismo/APJ.

E TEM O CAUSO...

ENTRE O FORNO E O FOGÃO

Fugia da cozinha como o diabo da cruz, mas não das guloseimas que saíam dela pelas mãos da avó paterna. Fora a mãe que inculcara na menina essa aversão à cozinha como se não fosse parte da casa. Contudo, gulosa como era, passava horas a observar a avó, ao lado do fogão, a se ocupar das refeições, principalmente, quando se tratava de doces, pães e bolos.

Os doces, em especial, tinham nomes de fazer sonhar: *Encantos de Massa Leve*, *Fatias Douradas*...

Um dos pães que sua avó costumava fazer tinha um nome que mais parecia um bando de meninas alvoroçadas: *Manicotas*.

Outros nomes, ainda, eram bem engraçados como *Cavacas*, os biscoitinhos preferidos do seu pai. Estes, assim que saíam do forno, eram postos numa lata bem grande e, em seguida, faziam aquele glutão voltar a ser criança: escondia a lata e era uma dificuldade conseguir sequer unzinho para degustar.

Já para salgados, a menina não ligava.

No entanto, tudo o que a avó fazia era de uma perfeição absoluta: todos os biscoitos tinham o mesmo tamanho, mesmo que as formas variassem; os doces eram enrolados com esmero e colocados em forminhas de festa; os bolos, confeitados com pérolas prateadas e cortados em losangos milimetrados; cada pão saía do forno com o mesmo formato arredondado, e as roscas trançadas davam água na boca só de se olhar para elas...

Maria Clara não se cansava de admirar, extasiada, tudo aquilo, mas nada de “pôr a mão na massa”. Não dava valor a tarefas que pareciam de uma simplicidade absoluta. Teimava em não perceber a riqueza do mundo gastronômico que passava diante de seus olhos cotidianamente.

Bem mais tarde, com a morte precoce do marido, teve que aprender a cozinhar... a duras penas – no início – pois aquele universo lhe era, até então, de uma complexidade absoluta, mas a rotina em torno das panelas e formas transformou-se numa arte sem mistérios, embora com mil segredos e desafios.

Pouco a pouco, começou a folhear livros de receitas, a ouvir conselhos de amigas, a cozinhar o trivial e, enfim, a criar, colocando no que preparava sua “pitada” inovadora.

Como lamenta não ter tido a curiosidade de aprender aquelas sutilezas quando criança... teria sido bem mais simples e prazeroso. A cumplicidade com a avó, com certeza, a teria feito progredir naturalmente, sem esforço particular.

Maria Clara teve que aprender como pôde. Precisou amadurecer para entender a linguagem das receitas e poder se sentir uma “artista”... lições que a vida dá, uma segunda chance...

Hoje, depois de ter achado – como por milagre – no meio de um livro de poesias, a receita de seu bolo preferido – o de café – ousa arriscar a segui-la passo a passo, mas nunca fica igual àquele de sua infância... as mãos da avó não estão ali para o toque mágico. Na certa, não estão longe e, seus lábios, de onde estiverem, devem esboçar um sorriso ao ver as peripécias e dificuldades da neta ao redor do forno e fogão.

Felizmente, de geração em geração, essas receitas culinárias que têm os odores de outrora insistem em não se perder... é o sábio Tempo nos fazendo enxergar a vida nos detalhes de gestos corriqueiros e nos sabores que nos vêm à boca com um gostinho de “quero mais”...

E TEM O CAUSO...

UM CAUSO COM MUITOS CAUSOS

“Causos de família? Que trem é esse? Oxente, só pode ser mineirice de alguém!”

Já que é assim, vou buscar num lugarejo perdido da Zona da Mata, mais precisamente em Saúde (atualmente, D. Silvério) a história que vou lhes contar.

A casa da família ficava à beira do rio (o único da cidade) e pertencia às irmãs de minha avó materna. Eram solteiras, mas daquelas que realmente tinham “ficado para titia”.

O pavor de enchente assombrava as habitantes daquela casa. Só mulheres. Três: Sinhá (batizada Júlia), Ritoca (evidentemente, diminutivo de Rita) e Maria, simplesmente Maria, descendente de negros escravizados e que conquistaram a alforria. As três viviam trancafiadas naquele casarão depois que Ritoca se aposentara como professora e diretora do Grupo Escolar da cidade. Só saíam para a missa. Ali era seu mundo... não precisam de mais nada...

A igreja do vilarejo ficava no alto de uma ladeira, e a gente podia vê-la da esquina da casa, com sua flecha pontuda e cinza.

Maria jamais tinha ido além da esquina, nem para fazer compras. As patroas ocupavam-se de tudo... que vida, mas adaptara-se a ela!!! (Tivera outra opção?)

Era Ritoca que decidia tudo. Sinhá a seguia sem reclamar.

O casarão, um sobrado muito confortável, era cheio de lugares proibidos para criança, como se fosse um sacrário!!! Para mim, tinha uma certa fascinação por ter ares misteriosos.

Fui lá apenas duas vezes (com um mês de vida e por volta dos 5 anos), porém o que lá vivi me marcou muito.

A quantidade de quartos? Muitos... naquela idade, não me preocupava em contá-los... preferia ver as camélias da tia Sinhá e o



quintal e seu pomar com suas mangas, jaboticabas e carambolas. Galinhas e pombos disputavam o espaço e algumas parcas migalhas perdidas pelo terreiro de terra batida.

A entrada, toda em tábua corrida, era boa “receptionista”. No térreo, não havia sala de visitas. Esta ficava no andar superior.

A cozinha, com piso mais rústico, apresentava paredes pretas de fuligem e abrigava um enorme fogão à lenha que fumegava dia e noite, incansável. De lá, saíam o frango com polenta, o arroz com feijão, a carne de panela e, principalmente, a goiabada de tacho e outros doces, guardados num armário a sete chaves. Sinto, ainda hoje, cheiros e gostos dos biscoitos de polvilho e rosquinhas que só podiam ser degustadas com a permissão dos adultos.

Para decorar a cozinha, apenas panelas de cobre e ferro penduradas nas paredes. Ao lado daquele lugar cheio de odores variados, havia uma mesa enorme, para umas 20 pessoas, e outra, menorzinha, para nós, as crianças.

Via-se, num pequeno canto, uma geladeira que nunca era ligada para não se gastar energia. Servia de armário para estocar mantimentos. Havia, ainda, na parte de baixo, um quarto só com queijos.

No andar de cima, sala, quartos e ainda, toaletes. Nela, não podia faltar um sótão que me amedrontava e fascinava ao mesmo tempo.

Nos quartos, podia-se encontrar uma cama de casal ou duas de solteiro, com colchas até o chão para esconder os penicos. Eram decorados com uma bela cômoda, uma penteadeira, quadros de santos e algum retrato... isso fala por si sobre as dimensões daqueles cômodos. Um deles vivia trancado: mistério nunca decifrado.

Banho? Só “de gato”, numa bacia com uma jarra de água quente, toalhas e sabão feito em casa.

Televisão? Talvez, mas se havia, estava sempre desligada. Rádio? Certamente, mas não me lembro...

Um velho gramofone permanecia esquecido num canto da sala com uma pilha de discos que não tocavam nunca.

Na estação das chuvas, o rio transbordava e enchia de lama o andar térreo. Trazia consigo cobras e outros bichos. (Que medo!!!)

Nas férias, época em que podíamos visitar as tias, a cidade vivia em festa, principalmente à noite. A animação era grande, mas eu evitava cruzar o homem da perna de pau... não sabia se era “ladrão de crianças” ou parte da festa.

Não sei falar sobre outras distrações que nos eram propostas. Só posso dizer que a sesta era obrigatória, talvez para matar o tempo já bem morto. Eu era muito pequena e nada observadora. Mas não nos entediávamos, pois criança era o que não faltava por ali, num entra e sai constante: primos, vizinhos e amigos das donas da casa.

Em todo caso (ou causos), eram as férias do “não”, das interdições sem explicação. Naquele lugar, criança não podia sair à porta que dava para a rua, ir ao quintal “roubar” carambolas depois do almoço por causa de cobras (que deviam jiboiar também), tampou-

co comer manga com leite ou se aproximar do armário de doces. Havia, ainda, muitos outros nãoos... não ligávamos para eles; não nos impediam de brincar e ser felizes.

Voltar para o Rio de Janeiro era voltar a um outro mundo. Levávamos, na bagagem, a saudade de dias diferentes em que as horas passavam sem que nos déssemos conta. Deixávamos para trás três almas boas e puras que faziam tudo para tornar inesquecíveis nossos dias junto a elas. Permitiam que vivêssemos experiências diferentes e enriquecedoras e nós, em retribuição, oferecíamos nossa energia de criança e nossa presença barulhenta de que certamente sentiam faltas nos dias seguintes.

Aquele casarão retomava seus hábitos e caía em sua rotina de sempre. As velhas paredes com as histórias de família emudeciam mais uma vez...

Juro que tentei, nesses causos, ser fiel às minhas lembranças, mas não garanto que, no meio deles, não tenha coisa inventada. Afinal, criança vê o mundo com outros olhos: de deslumbramento, de espanto, de fantasia... e que imaginação uma criança tem!!!



MARTHA CIMITERRA

Sou a mais paulista das cariocas, casada, mãe de dois filhos, morando atualmente na França. Como professora de Português e Francês, tive a oportunidade de ler muito e, na maturidade, comecei a escrever.

Tenho três livros infantis publicados *Magie et Poésie* (EvidênciaBr), *Poemas para gente miúda* (Pontes Editora) e *Ciranda de Letras* (EvidênciaBr), além de textos em algumas antologias.

E TEM O CAUSO...

O NAMORADO DE CARLA

Meu nome é Álvaro e vou contar um causo inusitado da minha família.

Todo feriado de primeiro de maio, a família toda se reunia para fazer o tradicional churrasco! Os avôs, tios, tias, primos, primas... todos iam para a nossa casa neste dia, pois tínhamos um grande quintal com churrasqueira e espaço para todos.

Todo ano tinha um assunto, a fofoca sempre rolava nestes dias, o assunto deste ano era o novo namorado da minha irmã, a Carla.

Carla era a princesa perfeita da família, a mais estudiosa, a mais bonita, a mais certinha. Todo a família a adorava, inclusive eu a invejava, como ela podia ser boa em tudo.

Ela era educada, ajudava em casa, fazia compras para meus avôs, estava sempre animada, ela era a esperança da casa.

Eu e meus primos não tínhamos futuro: repetimos de ano, éramos preguiçosos, bagunceiros e não ajudávamos como devíamos.

Claro que nós tínhamos inveja da Carla, mas ninguém queria o mal dela, só não conseguíamos acompanhar o ritmo desta menina.

Meus pais, tios e avós a colocavam em um pedestal, ela era a primeira na família, mas Carla, era virtuosa, não pedia nada, estava sempre feliz.

Neste dia, iríamos conhecer o namorado de Carla, ela disse que estava namorando há um ano, mas não deu maiores informações para ninguém, evitava o assunto. Carla era uma menina discreta.

Como minha avó dizia, Carla era recatada.

Todos imaginavam seu namorado como um artista de cinema, o príncipe da Cinderela, que ele iria chegar em um cavalo branco, ou melhor em um carrão.



Devia ser alto, de olhos azuis ou verdes, um tipo bem de vida. Para ser digno da Carla tinha que ser um partidão.

Minhas primas estavam fazendo descrições diversas e suspirando pelo namorado antes mesmo de ele aparecer

Minha mãe separou um lugar na mesa para ele se sentar, e deixou claro que ali era o lugar do seu genro, ninguém deveria se sentar ali.

Carla estava indiferente, como sempre, em seu mundo, cuidando de suas coisas e conversando com meu avô.

A campanha toca e minha mãe vai abrir, todos já chegaram, só podia ser o tal do namorado, portanto, todos ficaram alertas para ver, o burburinho da fala parou de repente, a tensão da curiosidade se colocou no ar.

Minha mãe volta com uma menina ao seu lado. Carla a vê e vai correndo abraçá-la e beijá-la!

A plateia fica sem expressão, não entende o que está acontecendo nem o que eles estão vendo.

Carla se vira e apresenta a Andreia, a sua namorada!

Todos dão as boas-vindas, mas ainda paira no ar uma estranheza, não era isso que esperavam.

Andreia senta em seu lugar marcado. Diferente de Carla, Andreia é bem comunicativa, conversa com todos, brinca, é divertida.

Joga truco com meus tios, ajuda no churrasco, prepara uma boa caipirinha, ela se enturma rapidinho.

Ao final do churrasco, todos estão felizes, e certos de que a Andreia é um partidão para a Carla.

Agora, no próximo ano, criarei coragem e vou, finalmente, apresentar o Rodrigo para a família.



FÁBIO SPINA

Escritor jundiaiense com três livros publicados e mais de vinte trabalhos, entre contos, crônicas e poesias publicados em coletâneas. É casado com Stela e pai de Raul. Formado em Direito e Contabilidade, trabalha como Gerente financeiro e é membro do Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro.

E TEM O CAUSO...

A REVELAÇÃO

Quando soube que seria lançado um livro contando causos de famílias, coloquei-me a pensar em qual história me focaria, já que ao longo da vida de cada um de nós temos passagens interessantes, umas boas e outras nem tanto.

A minha história escolhida trata da revelação feita pela minha filha mais velha quando saía da adolescência. Mas para contar o que aconteceu neste dia preciso voltar um pouco no tempo.

Em 2004, perdi meu marido em um acidente automobilístico e passei a viver com minhas duas filhas (9 e 12 anos de idade). Todas nós fomos para a terapia, pois tudo foi muito repentino. Passados alguns anos, minha filha mais nova e eu tivemos (ou nos demos) alta, enquanto que a mais velha aproveitava cada minuto de sua sessão para se entender e se aceitar.

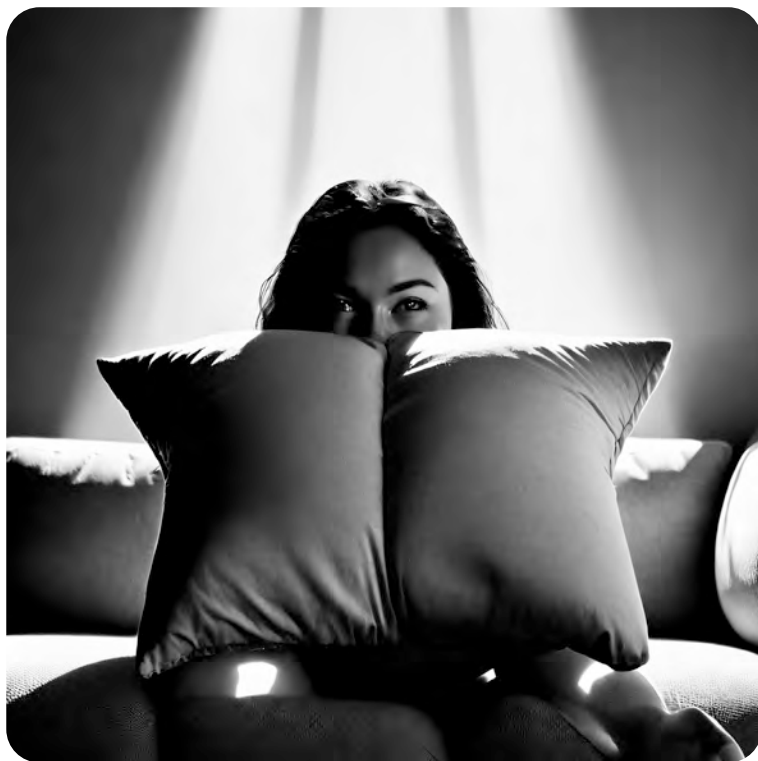
Nesta época, eu trabalhava em São Paulo, portanto passava poucas horas do dia ao lado delas, o que me deixava apreensiva, pois já eram adolescentes e penso que este é o período da vida no qual a presença da mãe se faz mais necessária.

Mas um belo dia, minha filha trouxe um recado de sua psicóloga: eu deveria ir também na próxima sessão, pois tinham algo importante a me dizer. Pronto! Neste momento minha paz acabou... comecei a imaginar o que poderiam ter de tão importante a ponto de me chamar para uma sessão. Como mãe (ansiosa) sozinha, pensei imediatamente em drogas. O que mais poderia ser? Se fosse coisa simples, a terapeuta teria me ligado e contado. Felizmente, eu estava errada e não foi este o desfecho. Só agora entendo que foi preciso a intervenção da psicóloga por conta da minha ignorância quanto ao tema.

Mas vamos lá. Fomos no dia e hora marcados para que finalmente eu soubesse o que se passava com minha filha. Entramos

na sala, minha filha foi para o divã, fiquei em uma poltrona e a profissional em outra. E então começou o jogo de empurra-empurra para ver quem me contaria a tal novidade. Ninguém se habilitava a acabar com minha curiosidade... então o assunto é sério, eu pensava.

Até que minha filha pegou uma almofada, cobriu seu rosto e me disse em inglês: “I don’t like boys”. Ela contou em inglês porque sabia que eu não compreendia bem a língua americana, mas ora, esta frase qualquer pessoa entenderia. A minha cabeça queria ter certeza de que havia mesmo falado aquilo, porque havia uma mínima chance de eu não ter entendido bem, afinal o inglês nunca foi o meu forte. Mas não... era isso mesmo.



E eu, com vergonha de ser aquela mãe careta e ignorante apenas respondi: “Ah, filha, tudo bem. Eu quero que você seja feliz.” Mentira! Naquela hora eu só pensava em como seríamos vistas, o famoso “o que os outros vão dizer?”, “por que isso foi acontecer?”,

“o que eu fiz de errado?”, “será que a levei muito à igreja?”, “será que a levei pouco à igreja?”. Enfim, uma bobagem maior que a outra. Mas realmente era por pura ignorância.

Saímos do consultório e fomos quase mudas para casa. Não contei para minha outra filha, nem para meus pais e amigos. A impressão que eu tinha era de que se não falássemos a respeito apagaríamos o ocorrido. Passados uns dois anos, ela se mudou para os Estados Unidos e eu continuava sem falar sobre sua sexualidade com qualquer pessoa. Até que ela conheceu minha nora e, imediatamente viajei para ver quem era a escolhida. E me apaixonei por ela, por elas, pelo respeito de uma pela outra, pelo companheirismo que nutriam, pela relação de confiança, pela troca de carinho e muito amor. Tudo aquilo me conquistou.

No dia que disseram que se casariam (e casaram mesmo em 18 de julho de 2014) decidi que EU precisava sair do armário. E comecei pelos meus pais. Fui até a casa deles e disse que tinha algo importante para contar. Coitadinhos! Acho que ficaram do mesmo jeito que eu quando fui à terapia, mas ouviram atentamente e surpresos a cada palavra que eu dizia, afinal nunca tinham desconfiado de nada.

A reação do meu pai que era o que eu mais temia foi surpreendente. Ele só disse: “Casar? Então é sério, né?” Já minha mãe chorava copiosamente e nada dizia, mas quando decidiu se posicionar disse: “Eu choro porque tudo acontece com você. Primeiro a viuvez e agora isso.”

Pasmem! Aquilo me deu uma força de leão. Disse a ela que “aquilo” não era nada, que não se podia comparar o sofrimento da viuvez com nenhuma outra coisa e que eu amava minha filha e nora do jeitinho que eram. E, definitivamente, eu saí do armário. Nunca mais fiquei quieta a respeito do assunto. Passei a dizer para as pessoas que minha filha iria se casar, que era com uma outra mulher e que eu estava feliz porque ela estava feliz. Isso foi tirando a coragem das pessoas de dizerem o que pensavam. Sorte delas! Risos.

O casamento foi em Washington DC, uma cerimônia linda e com tradutor contratado para que eu entendesse o que era dito (ou

seja, ainda não tinha aprendido bem a língua) e em julho do ano que vem (2024) elas renovarão seus votos no Brasil, quase que no mesmo dia do casamento no exterior, mas dez anos depois. O amor permanece e me encanta da mesma maneira que foi no início de tudo.

Hoje sou uma militante, defensora da comunidade LGBTQIA+, porque vi que não importa a sexualidade ou a identidade de ninguém; mas sim a lealdade, a integridade, o caráter e o amor que eles/elas/elus podem espalhar pelo mundo. Felicidades a todos, todas e todes que encontraram seus pares em um mundo tão difícil e cheio de preconceitos.



KELLY CRISTINA GALBIERI

Brasileira, jundiaíense, nascida em 08/06/1970, filha de Jair Galbieri e de Marina Inez Ferracini Galbieri, mãe de Giovanna Galbieri Agria e Isabella Galbieri Agria, graduada em Administração de Empresas pela PUCAMP e em Direito pela Faculdade Padre Anchieta.

Pós-graduada em Direito Homoafetivo e de Gênero pela Universidade de Santa Cecília; Pós-graduada em Direito Público no Centro Universitário Salesiano de São Paulo.

Assessora de Políticas para Diversidade Sexual da Prefeitura de Jundiaí, tendo como objetivo assessorar o Gestor da Unidade na orientação e coordenação de ações, programas e políticas relacionadas à diversidade sexual.

Membro do Conselho Gestor da Semi Liberdade(Fundação Casa) em Jundiaí, Delegada Estadual do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher; Conselheira do CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente; Conselheira do Conselho Municipal de de Políticas Culturais, Membro da AFLAJ – Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí (Cadeira nº 2) e Presidente da Comissão de Diversidade Sexual e Gênero da 33ª Subseção da OAB – Jundiaí.

E TEM O CAUSO...

CASADOS

Tenho muitas famílias: as dos meus avós, as dos meus pais e as dos meus sogros, dentre outras. Decidi contar algumas histórias da família constituída pela Teresa e por mim, há quase cinquenta anos. Excluirei do texto nosso filho único, pois a intenção é pinçar algumas das inúmeras peripécias vividas junto ao grande amor da minha vida. A narrativa não obedecerá à cronologia dos fatos.

Ninho de amor

Nossa primeira casa ainda estava em construção, mas o imóvel não ficaria pronto antes do casamento. Alugamos um pequeno apartamento, onde durante sete meses dormimos num colchonete, cozinávamos num fogão de duas bocas, nossa televisão era de 17 polegadas (em preto e branco) e ambos íamos e voltávamos dos respectivos trabalhos caminhando, ou, no máximo, usando o transporte público. Nossa felicidade não precisava de nada mais.

Réveillon esquecível

Estávamos casados havia dez anos. Eu não estava bem comigo mesmo. Embora sempre tenha sido (e ainda seja) muito organizado, desleixei na busca de um lugar para cearmos, quis fazer tudo em cima da hora, deu errado, e o casamento desandou, por pouco não sucumbindo.

A surpresa

Tenho boa memória e me lembro de todas as nossas datas festivas, ao contrário dela, desligadíssima neste quesito. Cansado de dar presentes, sem reciprocidade, num Dia dos Namorados qual-

quer, propositadamente, resolvi “esquecer” de lhe comprar alguma coisa. Para meu espanto, ela não somente se lembrou da data, como também me comprou dois presentes. Até hoje vejo mentalmente a minha cara de vergonha.

Difícil escolha

Os presentes citados no “causo” anterior eram duas lindíssimas camisas. Saímos para jantar e resolvi estrear uma delas, ouvindo a inesperada pergunta: “você não gostou da outra?”.

O prêmio

Numa fria noite de sábado, após saciarmos todos os sentidos, fui dormir, enquanto ela via futebol pela televisão. A emissora sorteava um prêmio entre todos os telespectadores que ligassem e pagassem uma taxa de participação de R\$ 3,00. Ela ligou e foi a ganhadora de um Fiat Tempra 1997, zero quilômetros. Exultante de felicidade, acordou-me para dar a notícia. Respondi-lhe tão somente: “amanhã conversaremos” e continuei a dormir o sono dos justos.

O Escort errado

Possuíamos dois Ford Escorts, um 1990 e outro 1985. Numa sexta-feira à noite, iríamos à festa de formatura de uma de suas irmãs. Na véspera (quinta-feira), mandei lavar o carro mais novo, deixando-o impecável para a solenidade. Na data do evento, pela manhã, fui trabalhar de ônibus e pedi a ela que me fosse buscar na saída do trabalho. Na hora combinada ela chegou, conduzindo o carro mais velho, totalmente emporcalhado.

Segunda Lua de Mel (frustrada)

Ainda não tínhamos filho. Vi um anúncio no jornal, oferecendo pacote turístico em São Sebastião, para o Carnaval de um ano qualquer. Era uma oportunidade para curtirmos uma segunda Lua de Mel. Conteí-lhe a notícia, mas pouco a pouco ela foi convidando irmãs e sobrinhos. Aceitei, para não azedar o relacionamento. Fica-

mos em sete pessoas, num apartamento com uma cama de casal, uma de solteiro, dois beliches e somente um banheiro. Adeus privacidade. Adeus segunda Lua de Mel.

Os discursos

Durante muitos anos ela foi professora da rede pública estadual paulista, período em que várias vezes foi convidada para paranimfar turmas de formandos. Sempre preparou ótimos discursos, mas nunca conseguiu ler nenhum até o final; logo nas primeiras linhas, começava a chorar de emoção, obrigando alguma colega professora a ler o restante do texto.

Recusando o convite

Nas manhãs dos sábados, ambos frequentávamos aulas de natação numa academia distante três quilômetros de nossa casa. Fizemos amizade com um rapaz e soubemos que ele morava no caminho de nossa residência. Passamos a lhe dar carona na saída da aula. No terceiro sábado ele nos convidou para sermos seus padrinhos de casamento. Com toda a delicadeza possível recusei o convite; ele entendeu e continuamos dando-lhe carona ainda um bom tempo.

Almoço privê

Ambos pilotamos fogões, mas num dia de Natal, antes do nascimento de nosso filho, nenhum dos dois estava com vontade de cozinhar, tampouco participar de confraternizações familiares. Peguei o jornal, anotei o telefone do Hotel Brasilton, então existente na Rua Martins Fontes, região central paulistana. Liguei para lá e me certifiquei de que o restaurante do hotel atenderia naquela data. Fomos muito bem atendidos, com comida e bebida da melhor qualidade. Detalhes muito importantes: o hotel estava praticamente vazio, devido ao feriado natalino; no restaurante, havia somente uma dupla de funcionários de plantão, um cozinheiro e um garçom; fomos os dois únicos fregueses daquele dia.

Sufê de chuchu

As pessoas que não gostam da Filosofia, a definem da seguinte maneira: é a ciência com a qual, ou sem a qual, o mundo gira tal e qual. Ou seja, para essas pessoas a Filosofia não serve para nada. Pois eu adaptei essa frase, usando-a para definir o chuchu: é o vegetal com o qual, ou sem o qual, a comida fica tal e qual.

Dito isso, ressalvo que ela certa vez preparou um sufê de chuchu sensacional. Pena que nunca mais serviu esse prato.

Bacalhau dos deuses

Ela é portuguesa, mais propriamente madeirense. Cozinha muito bem. Certa vez, investimos muitos cruzeiros numa posta de bacalhau, nos tempos em que ainda não haviam peças dessalgadas, como hoje encontramos em qualquer supermercado. Pois eis que ela não dessalgou corretamente a posta, somente percebendo o erro quando o almoço já estava quase pronto; com a sua habitual rapidez de raciocínio, mergulhou a posta no leite gelado; após alguns minutos, descartou o leite (agora salgado) e finalizou a receita. Nunca comi um bacalhau tão gostoso.

No escurinho do cinema

Num sábado gelado fomos ao shopping pela manhã. Após passear e fazer compras, bateu a fome e o dia estava propício para uma succulenta feijoada. Depois do almoço, fomos assistir a um filme romântico. Poltrona macia, reclinada, vistas começando a tremer, tela desaparecendo na minha frente, até que tudo se apagou. Dor forte na região das costelas, resultado das “delicadas” cotoveladas que ela me dava:



– Zinho, acorde! Você está roncando muito alto. Ninguém está conseguindo prestar atenção no filme.

Muito a contragosto fui terminar a sesta na sala de espera do cinema.

Torta (quase) holandesa

Uma de suas características na cozinha é não seguir receita alguma. Imprime a receita, começa a separar os ingredientes, mas, na falta de algum(ns) deles, vai substituindo aleatoriamente. Certa ocasião resolveu fazer uma torta holandesa; ficou deliciosa, mas foram tantas as substituições de ingredientes, que a torta poderia ser chamada de portuguesa, mexicana, guatemalteca ou outra nacionalidade qualquer, menos de torta holandesa.



ARISTEU DE CAMPOS FILHO

Natural de São Paulo, onde nasceu em 1951. Reside em Vinhedo desde 1998. Servidor aposentado do Banco Central do Brasil. Publica semanalmente em sua página no Facebook e no blog Memórias dos Bairros Paulistanos. Publica mensalmente no blog Aposentados Ativos.

Publicou os seguintes livros, todos pela Editora In House: *Da Vila Ede para o Mundo* (2018); *Doce Infância e outras lembranças* (2019); *O BC nos deu tudo, até divertimento* (2020), em parceria com amigos; *Os sete de Sampa* (2022), em parceria com amigos; *Os sete de Sampa, volume II* (2023), em parceria com amigos. *Histórias que vovó não contava* (2023). Participou de diversas coletâneas. Premiado em 4º lugar, na Categoria Nacional, no 18º Concurso Literário AEPTI-Jornal de Itatiba (2018). Destaque, na categoria Contos, no 31º Concurso Internacional de Cruz Alta (2019).

Contato: ari.campos@uol.com.br.

E TEM O CAUSO...

OS MEUS, OS SEUS, OS NOSSOS...

Cresceram brincando de pega-pega nos fins de tarde, na rua em que moravam. Suas casas ficavam uma ao lado da outra e, como filhos únicos, logo se apegaram como irmãos. Brincavam juntos, iam juntos à escola, corriam juntos atrás do carrinho de sorvete, jogavam sempre no mesmo time. Também faziam juntos suas festas de aniversário, ele que se gabava de ser mais velho dois dias, portanto, detentor do poder de tomar conta dela.

Na escola, porém, foram obrigados a se sentar separados, meninas de um lado, meninos do outro. No recreio, contudo, lá estavam eles juntos, de novo, para saborearem um pouco de cada lanche, um do outro. E tudo continuou assim por muitos e muitos anos.

Quis o talento que cada um escolhesse uma direção diferente logo que chegaram ao que hoje chamamos de ensino médio e, à época, conhecido como colegial. Um pouco mais antes de colegial, chamado de curso clássico para quem pretendia continuar estudos na área de humanas, científico para os estudantes propensos à área de exatas e curso normal para quem desejava ser professora primária. Por que usei o feminino? Porque era raro um homem se aventurar em campo feminino assim como era raro encontrar uma menina no científico. A convivência entre garotos e garotas acontecia com maior naturalidade apenas no curso clássico, ponte para cursos superiores de Letras, Filosofia e Direito. E nenhum dos dois queria esse curso.

Vítor escolheu o científico. Santa foi fazer o curso normal. Salas diferentes, alas diferentes do grande colégio, outros amigos, outros interesses que duraram três anos, depois do que cada qual seguiu a direção pessoal. Vítor e Santa tinham, então, 17 anos.

Ela se formou em três anos e, pelas notas altas que tinha, foi indicada a “escolher cadeira”, expressão que demonstrava reconhe-

cimento das autoridades. O prêmio consistia em lecionar, em uma única sala de aula destinada pelo dono de uma fazenda, para filhos dos trabalhadores, alunos de primeiro, segundo e terceiro anos de Grupo Escolar. E lá se foi Santa para longe de sua cidade curtir saudade do amigo e da família. Vítor, ainda na faculdade de engenharia, tinha à frente dois anos a mais. Com isso, devia se contentar em ver Santa em feriados prolongados e nas férias. Ambos refletiam o vigor da idade que não tardou a florescer, cada um em seu canto, para alegria de outros olhos.

Lázaro, o Lázinho, filho único do dono da fazenda, se apaixonou pela professorinha. Augusta, uma das únicas quatro alunas da classe de Vítor, a loira mais linda que ele já tinha visto, prometia o céu nos olhares azuis que ela lhe lançava. E aconteceu que cada um se casou ardendo de paixão pelo ser amado. Primeiro Santa, depois Vítor, porque o pai exigiu que se formasse primeiro e arrumasse emprego para sustentar a família que formaria.

Em três anos Santa teve dois filhos, dois meninos morenos de grandes olhos escuros e cabelos fartos como os de Lázinho. Não deixou de lecionar na fazenda, ampliando suas dependências e estendendo as atividades a ponto de os alunos da fazenda, aos serem transferidos para concluírem o Grupo Escolar na cidade, tornarem-se centro de atenções de todos os professores, tão extenso e sólido eram os conhecimentos adquiridos sob a batuta da professorinha.

Vítor, recém-formado, conseguiu um emprego em uma companhia de energia elétrica para ocupar o cargo de engenheiro chefe na barragem pela competência com que desenvolvia seus projetos. Seis meses depois de formado casou-se com Augusta, que não teve a sorte de Santa. Uma gravidez de risco por contágio de animais domésticos a obrigou a meses de repouso exaustivo, a um parto sofrido e à morte inevitável.

Assim que recebeu a notícia, Santa pediu ao capataz que fosse à plantação de café e avisasse Lázinho que ela deveria viajar imediatamente. Que ele viesse para casa para que pudessem conversar e se despedir. Não aconteceu nenhuma uma nem outra coisa. O cavalo montado por Lázinho se assustou com um pequeno animal que atra-

vessou a estrada, saiu em disparada e o jovem esposo acabou por cair. Na queda, sofreu traumatismo craniano e faleceu poucas horas depois, deixando Santa à frente de todos os negócios. Por total despreparo para tais assuntos, Santa decidiu vender a fazenda herdada e mudou-se para a cidade, a fim de facilitar a vida de seus filhos.

Dois anos mais tarde, caiu nas mãos dela um folheto distribuído no sinaleiro da esquina em que parara o carro. Mostrava um lugar paradisíaco; diante de um mar azul o local era pequeno e acolhedor; tinha piscina, biblioteca e a calma que precisava para se recompor de vez. Reserva feita, chamou seus pais para tomarem conta das crianças, da casa, dos cachorros, dos gatos e partiu sozinha para o descanso merecido. O sol já se despedia quando chegou à pousada. Apresentou-se, subiu a pouca escada e depois de fechar a porta do quarto, abriu a janela para sentir o cheiro do mar. Deliciou-se com o dourado do sol que se deitava no horizonte de ondas. Tomou banho, vestiu-se e desceu para jantar. Tudo em silêncio, para sua felicidade. A única hóspede, pelo que pressentia.

Degustava já a sobremesa em total tranquilidade quando irrompeu na sala de jantar um voz infantil que ria como se brincasse com alguém. Em meio ao riso, pedia:

– Me pegue, me pegue!!!

E passou então ao lado de Santa, uma lufada de ar novo, cabelos loiros que corriam e balançavam.

– Santinha, não corra assim! Pode cair e se machucar. Senhora, desculp...

Vitor e Santa imediatamente se descobriram os amigos de anos anteriores. Conversaram muito, quase a noite toda, enquanto a criança loira adormecida no sofá, quietara. Eram conversas banais, como se tivessem se encontrado na noite anterior. Não havia passado tanto tempo para o reencontro.

A manhã clareou e os encontrou passeando na praia, mãos dadas, agora ligadas pelo amor que sempre estivera presente entre eles, ainda que não o soubessem. Os meninos de Santa estavam amparados pela avó. Santinha estava no quarto com a babá e tudo estava de novo no lugar que deveria estar. Um novo dia surgia.

CAUSOS DE FAMÍLIA

Para deixar passar um cachorro brincalhão, eles pararam. Olharam-se, sorriram.

– Santa, está na hora de pensar nos nossos, finalmente...



ROSALIE GALLO (Y SANCHES) nasceu em 1945 já querendo ser professora como as quatro irmãs mais velhas. Conseguiu. Acredita que “*professora si nasce*”, como diria Totó. É-se professora, de verdade, antes de se formar e até mesmo depois de se aposentar! Dorme muito pouco. Por isso, nas madrugadas, escreve e lê muito; vê filmes e ouve música; passeia no escuro de seu quintal e se senta para ver e ouvir estrelas. “Ora – direis! – ouvir estrelas! Certo perdeste o senso!”, escreveu Bilac, o Príncipe dos poetas brasileiros. Mas ele sabia que não. Ela também.

E TEM O CAUSO...

INCIDENTE NA FRONTEIRA

Quando os canhões de agosto de 1914 deram início à Grande Guerra, minha avó, a Viscondessa de Soutello, viúva recente, estava passeando pela Europa com as duas filhas e os dois filhos. A família refugiou-se na Suíça, país neutro, e mesmo após o final da guerra, em 1918, permaneceu lá, em Lausanne, para que os gêmeos Manoel Amadeu (meu pai) e Manoel Carlos concluíssem o ensino médio onde haviam começado: no Collège Champittet. Ao menos, foi esse o pretexto para ficarem na Suíça até 1929, quando acabou o dinheiro com a crise do café.

Os Manecos já eram rapazes quando foram convidados por um colega italiano, Filippo Lante della Rovere, conhecido no Champittet como Pippo, a passar um feriadão (Carnaval? Semana Santa?) na casa da família dele, em Bagnaia, perto de Viterbo. O convite era para uma caçada, porque a casa desses Della Rovere ficava junto a uma reserva de caça pertencente àquela família.



Villa Lante

Foto: acervo do autor.

O que o Pippo não contou aos Manecos antes dessa viagem dos três à Itália, talvez para não parecer exibido, talvez por não dar importância ao assunto, é que na década de 1560 aquela reserva de caça pertencia ao Cardeal Gianfrancesco Gambara, que construiu ali um palacete projetado pelo arquiteto Giacomo Vignola (não existe prova documental dessa atribuição de autoria do projeto) e rodeado por um parque projetado pelo arquiteto Tommaso Ghinucci, que decorou o parque com fontes, cascatas artificiais e grutas que pingam água. Uma obra prima de engenharia hidráulica.

Após a morte do Cardeal Gambara, a propriedade daquele palacete, com o parque e a reserva de caça, passou para outros cardeais, até que foi adquirida, em 1656 (ano em que Jundiá tornou-se município), por Ippolito Lante Montefeltro della Rovere, Duque de Bomarzo, sobrinho do Cardeal Marcello della Rovere. A partir de então, o local passou a ser conhecido como Villa Lante.

O trio de caçadores estava retornando para Lausanne, creio que no automóvel Schneider de minha avó, quando, na fronteira da Itália com a Suíça, um policial suíço, apenas para mostrar serviço, indagou dos rapazes o que havia dentro de um grande embrulho de lona amarrado no estribo (naquela época os automóveis tinham estribo). A resposta foi concisa:



Fonte de Pégaso
(no parque da Villa Lante)

Foto: acervo do autor.

– Um javali.

O policial ficou indignado:

– Ah, é? Eu perguntei com educação e vocês me respondem com gracinha? Pois agora vão desembulhar essa lona e me mostrar o que está dentro.

Imaginem a cara do policial quando se deparou com o javali caçado nos bosques da Villa Lante, que estava sendo levado para animar a cozinha do Collège Champittet.



LUIZ HAROLDO GOMES DE SOUTELLO

Nascido em São Paulo, em 1944, é advogado formado no Largo de São Francisco (USP), historiador, genealogista e ficcionista, com muitas obras publicadas em todas essas áreas. Foi também professor regente na Faculdade de Direito da PUC/SP e professor titular na Faculdade de Direito da UNIANCHIETA (Jundiaí). Aposentado como Procurador de carreira do Banco Central do Brasil. Ex-presidente da Academia Jundiense de Letras.

E TEM O CAUSO...

O VIÚVO COBIÇADO

Fim de tarde! Os momentos vividos afloram, às vezes felizes, outras tristes.

Quem tem familiares adormecidos na eternidade, sabe bem da alegria e da dor dessas vivências. Memórias afetivas que aquecem os corações e apaziguam nossas almas em processo de evolução para o encontro com o divino e infinito ser, e reencontro com os familiares que nos precederam e contribuíram para formação de nossa personalidade.

Somos porque eles existiram, insistiram, amaram e cuidaram, tornando possível nossa existência e, em honra deles, prosseguimos a caminhada com garra e fé, em busca de perpetuar seus legados, aperfeiçoar conhecimentos, aprimorar habilidades e desenvolver novas competências nas futuras gerações.

Hoje se faz viva a lembrança de meu querido e saudoso pai. Sinto-me abençoada pela graça de ser sua primeira filha. Imagino a alegria de meus pais com a chegada de uma menina, após o primogênito varão, e todo o amor dedicado à bem-vinda princesinha.

“E senta, que lá vem a história”, frase marcante da série *Castelo Rá-Tim-Bum*, exibida na TV Cultura. Sim, com **h**, pois não se trata de estória inventada; é fato real e aconteceu em nossa família, com todas as situações, ora dramáticas, ora hilárias, vivenciadas com a viuvez precoce de nosso pai.



Foto: acervo da autora.

CAUSOS DE FAMÍLIA

Paulo Geraldo, natural de Pernambuco, filho de português, veio ao Pará a trabalho; tomou açaí, bebeu tacacá e aqui ficou. Casou com Maria, em outubro de 1953, e multiplicaram seu amor em três casais, seis joias preciosas, como dizia, ao falar dos filhos.



Foto: acervo da autora.

Mamãe e nós



Foto: acervo da autora.

Paulo, Maria e Paulo Filho

O casal era bem sociável e tinha muitos amigos, em destaque os padrinhos e madrinhas dos seus seis filhos. Viviam felizes em uma casa da Vila do IAPI, onde compartilhavam com os vizinhos as festividades juninas, natalinas, ano novo, em ambiente alegre e solidário, com troca de saberes e sabores essenciais ao bem viver.

O entrosamento das crianças era maravilhoso e incentivado pelos moradores, todos interessados na boa convivência e vizinhança pacífica.

Homem de porte garboso, trabalhador e cioso de seus deveres, era incansável nos seus afazeres, tudo para prover as necessidades da numerosa família.

Caridoso e sempre envolvido em várias ações sociais, como o Lions Clube, em destaque, a opção pelas crianças carentes do Preventório Santa Terezinha, a quem sempre dedicava um tempo de seu fim de semana.

Firme, tanto na labuta, quanto no lazer, já praticava, de modo intuitivo, as ideias de Domenico de Masi, misturando trabalho e distração na sede da Tuna Luso Brasileira, seu time na capital paraense, tornando-se sócio benemérito do clube, pelos muitos feitos.

Na terra natal, o interesse era pelo Clube Náutico Capibaribe, cujo hexacampeonato estadual foi conquistado entre os anos de 1963 e 1968, sendo a única agremiação pernambucana a consagrar-se com o título. Em 2019, nova vitória do time, como campeão da Série C do Campeonato Brasileiro.

Torcedor do Fluminense, deve ter visto, lá das paragens celestiais onde se encontra, a vitória merecida do tricolor, na Libertadores, em jogo realizado no Maracanã, no dia quatro de novembro de 2023. Sua alegria, com certeza, foi imensa ao ver seu time campeão.



Foto: acervo da autora.

Paulo Pai

Quem ama cuida e se cuida. Paulo era vaidoso, ciente de seu estilo refinado e se apresentava sempre elegante e perfumado, com seu predileto *Azzaro pour homme*.

A vida seguia seu curso. Paulo e Maria superavam as dificuldades unidos e felizes, dando prioridade à educação e saúde dos filhos. Ele caminhava todos os dias, de casa para o trabalho e, no percurso, ia encontrando as pessoas, que já sabiam se estavam atrasadas ou não dependendo da altura do trajeto em que ele estava.

Consciente de seu conhecimento no ramo da hidráulica, se orgulhava de ser chamado como *Paulo Bomba*, sendo respeitado por clientes, colaboradores e fornecedores da empresa Portuense Ferragens, onde trabalhou por anos a fio, desde operário de oficina até galgar a posição de vice-presidente técnico.

Na volta para casa, o motorista tinha que ser paciente, pois embora não dirigisse, guiava que era uma beleza, para desespero do seu condutor. Chegava e, antes do banho, preparava sua cotidiana dose de uísque, com gelo de água de coco, tomada para relaxar e, após a digestão do jantar, recarregar as energias com o sono tranquilo.

A casa estava sempre de portas abertas para os amigos, com mesa farta e comida deliciosa, enfeitada de flores, de preferência, no diário, os sorrisos de Maria, as rosas meninas e os pendões de angélica, do horto da Veiga Cabral, a perfumar o lar inteiro.

Nas festas, as preferidas eram os crisântemos e gladiolus, brancos e amarelos, a iluminar todo o ambiente. Nos tempos atuais, teria vários seguidores nas redes sociais, muitos *likes* e comentários, pela sua excelente comunicabilidade.

Católico fervoroso, era devoto de Nossa Senhora de Fátima, cuja bela imagem, com os três pastorinhos, mantida no quarto do casal, encantava a todos os que tinham acesso ao aposento. E também fiel ao *“Lá vem ela”*, Nossa Senhora de Nazaré, mãe de fé e Rainha da Amazônia.

Nos fins de semana, aflorava seu espírito *gourmet*, cuja herança permanece marcante nos filhos e netos, e dizia que não trocava a comida de casa pelo cardápio de restaurantes. Quando não contava com a secretária do lar, convidava todos os filhos a assumir o

papel de “*Dona Esperança*”, sempre presente e ativa nos serviços domésticos.

Aos sábados, na volta do trabalho, era certa a parada na Lisbonense, então uma das melhores padarias de Belém, para comprar biscoitos, doces, frios e pães que faziam a festa da garotada.

Aos domingos, não dispensava os camarões frescos, comprados logo cedo no mercado de São Brás ou no passeio à Feira do Ver-o-Peso e, às vezes, mais longe, no Distrito de Icoaraci, para fazer no bafo e tomar com o seu uísque. Aproveitava e trazia o biribá, degustado com leite moça, para lembrar da ata ou fruta-do-conde do seu Pernambuco.

Como não há mal que sempre dure ou bem que nunca acabe, chegou a hora de Maria partir para a morada celestial. Paulo se viu sozinho com os seis filhos, o caçula de quatro anos e o primogênito de treze anos.

As comadres se revezavam no apoio e até disputavam quem dava mais atenção às crianças. Um dos casais de padrinhos se destacava com a presença constante, a levar para os passeios de fim de semana, daí a ciumeira dos demais, pois, em sua inocência, os pequenos passaram todos a se considerar afilhados do casal.

Começou então a saga de encontrar uma nova esposa para o compadre. Foram inúmeras candidatas simpatizantes do viúvo trazidas pelos amigos em visita à casa, sob o olhar surpreso das crianças, a quem todas elas procuravam mimar.

Quando Paulo entrava na Basílica Santuário de Nazaré, com os filhos, para a missa dominical, a mulherada toda cochichava, sem tirar os olhos do viúvo.

Paulo se mantinha fiel ao trabalho e aos filhos.

Até que um dia, reencontrou Elza, ex-colega de trabalho e amiga comum dele e de sua falecida esposa. Brincam até que ele amava as duas, mas teve que escolher uma. Logo começou a namorar e pouco tempo depois casou, sendo agraciado com mais um menino, cujos padrinhos escolhidos pelo novo casal, foram o primeiro filho e a primeira filha do casamento com Maria.



Foto: acervo da autora.

Mães: Maria e Elza

A paz e a harmonia voltaram a reinar no lar de Paulo, com a presença meiga e encantadora de Elza, considerada como segunda mãe pelos filhos de Maria. Tudo foi bem, por muitos anos. Os primeiros filhos casaram; vieram os netos e a felicidade acompanhava a família, até que novo desafio se impôs, a viagem definitiva de Elza.

Paulo, mais uma vez, ficou viúvo, com os sete filhos, noras, genros e netos.

Tudo de novo, com outras personagens. Quem souber e quiser contar a nova saga, que prossiga com os fatos, pois aqui encerro os registros.

Quantas emoções! Infinitas saudades! Gratidão aos manos pela ajuda em resgatar várias facetas de nosso pai, nossas vivências com ele, e eternizar recortes de nossa história na prosa literária.¹

¹ Argumento por mana Celina; e recordações junto com os manos Paulo, Jorge, Antônio, Nazaré e Mário.

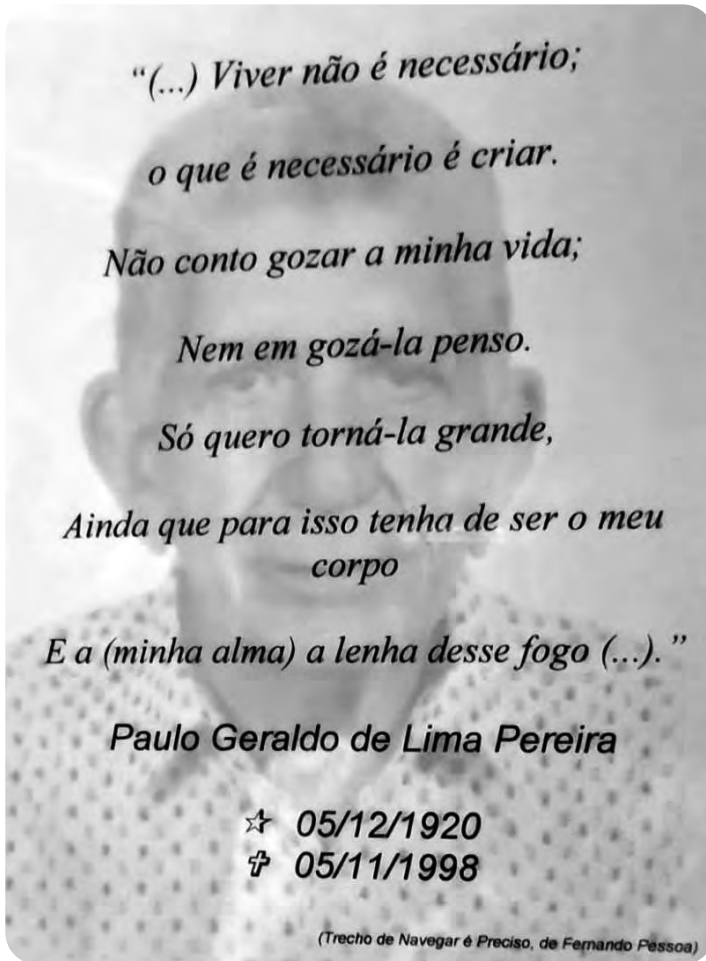


Foto: acervo da autora.



ANA CELESTE PEREIRA FERREIRA

Natural de Belém/PA. Administradora/UFGA, MBA em Gestão de Projetos/FGV. Consultora em Gestão de Micro&Pequenas Empresas/CFA&CRA-PA&UNIVALI. Membro da Câmara de Consultoria da ACP. Experiências como Auditora Federal de Controle Externo-TCU e Docente-UFGA. Autora de poesias, com o tema flores e amores, #poesia viva, e textos literários em prosa.

E TEM O CAUSO...

TODOS OS LAÇOS

Por meio dos olhos dele viajo no tempo; sorriso doce, olhar gentil, a máxima excitação pela mais simples descoberta; a vida que transformou a minha vida e renasceu a imaginação, as cores, a sensação de voar pelo infinito. O medo de não ser total e a coragem de ser bobo. Triste não seria chegar cansado depois de sobreviver a mais um dia, seria não ser o herói da aventura de quem passou o dia a esperar o meu olhar e uma palavra doce. Eu esperei uma vida para ser mais velho, de sorte que a medalha da sabedoria caísse no peito e o caminho parecesse claro. O tempo zomba de mim, tão mortal quanto os demais, sonhos, delírios e atos falhos.



O que tem valor escorrega pelos dedos se ao piscar se demorar muito tempo; transformando-se em um carrossel de lembranças e saudades, uma colcha de retalhos de vidas interligadas. Ontem cobrava perfeição de meu pai, hoje choro abraçado ao meu filho pedindo a Deus que me permita ser um terço do homem que ele foi ao estruturar os primeiros passos.

As lembranças caminham sobre tudo; vem do cheiro do bolo de fim de tarde, do som da bronca para comer legumes, das listas do professor de matemática, das juras do primeiro amor. Apressar-se não vale a pena, cada fase a seu tempo; odiar não vale a pena, às vezes se chega tarde para o perdão por coisas que perdem o peso à medida que correm os ventos; ainda que todos os meus fios aos poucos se tornem brancos e já não saiba ao certo se carrego mais futuro ou passado; buscarei leveza, a empatia que faltou quando o orgulho era mais importante. Hoje me sinto grato por tudo, saudoso das coisas que me trouxeram o caminho e o que fiz delas, o aprendizado, as cantigas de minha mãe e a presença de um homem ranzinza que de mim não ouviu: eu te amo, mas, seja lá em que plano estiver, deve estar rindo ao perceber que exalo amor em todos os meus sinais.



DAM NASCIMENTO

Publicitário, engenheiro civil e escritor. Apaixonado pelas artes e pela escrita, desenvolve ensaios literários desde os 14 anos, por vezes crônicas do cotidiano, em outros momentos com o filtro voltado a poesias, contos e romances. Já participou de algumas antologias literárias, possui duas premiações em concursos de poesias: *Poesia em movimento* (2013) e *Arte à Flor da Pele 2* (2021) e um livro publicado intitulado: *O Enigma dos Santucci* (2008).

E TEM O CAUSO...

SOPA DE LETRINHAS

Uma chuva fina caía naquela tarde fresca e, a cor do céu transformara-se de azul e branco para um degradê de tonalidades avermelhadas, laranjas e cinzas, o que aumentavam os ventos fortes que se misturavam entre poeiras e odores das gramas e das flores molhadas.

O friozinho daquela época, julho de 1975, era sentido como a uma toalha úmida colada à pele. Aquecíamos com as brincadeiras de pega-pega, esconde-esconde, passa anel... e não nos importávamos com a “friagem”, que tanto mamãe e *nonna* nos alertavam. Sabíamos que um saboroso remédio estaria nos esperando para acalmar nosso cansaço e aquecer nosso coração!

Naquela tarde de inverno, ali no quintal, enquanto brincávamos embaixo do pé de carambola, grande, robusto e carregado de flores e frutos bem amarelinhos, podíamos sentir o jantar sendo preparado pela *Nonna* Linda. Imaginávamos cada ingrediente que vovó colocava durante a preparação de sua inesquecível sopa: leve, suculenta e que borbulhava em nossos sentidos.

A temperatura diminuía e era hora de nos recolhermos ao aconchego do lar. O som da fervura da sopa no fogão apeteceu a alma, fazendo a língua salivar sem parar, apenas pela essência de aromas no ar. O vapor esbranquiçado na janela da cozinha também preservava a gordura do cozimento do frango caipira, perfumando toda a casa.

A mesa posta com uma toalha florida e no centro a Sopeira Real de Porcelana, envolta pelos seus súditos pratos e talheres compunham a nobre espera da canja de galinha da *nonna* Linda com ingredientes do coração.

A seleção dos ingredientes eram uma tradição à italiana com os costumes da família na roça. Tudo natural e fresquinho. A quanti-

dade dos ingredientes era medida pela experiência de vida, os gramas pela sabedoria e os líquidos pelos olhares meticulosos de uma grande culinária.

O vapor da fumaça abanado pelas mãos cuidadosas da *nonna*, exalava sabores e temperos delicados, alguns colhidos do próprio quintal: salsinha, cebolinha, cenoura e alho-poró. O frango caipira produzido no sítio da família, completava o sabor, finalizando o ensopado com o amor da *nonna italiana*.



Nonna aguardava todos se sentarem à mesa, e assim incluir um último ingrediente. Qual seria? Arroz, *spaghetti* ou o macarrão de letrinhas? Ficou em minha mente...

Surpresa e desesperada, vejo *nonna* pegando uma colher de arroz e, quando ia despejar no caldo borbulhando, gritei:

– *Nonna, nonna!* Quero o macarrão de letrinhas...!!!

A canja borbulhava e bolotas explodiam soltando espirros de gordura, aguardando a decisão de qual ingrediente iria ali, na panela, mergulhar...

Nonna Linda, doce e amorosa à família resolveu em segundos a solução! Pegou a espumadeira e, delicadamente separou o caldo da canja em dois pequenos caldeirões. No primeiro, despejou arroz e no segundo, o macarrãozinho de letrinhas.

Enquanto as crianças tomavam a sopa de letrinhas, ou melhor, brincavam com a sopa, tentando montar palavrinhas e os nomes nas bordas do prato, além de deliciarmos o caldo, papai, mamãe, *nonno* e *nonna* saboreavam a canja acompanhada de pãozinho francês, vinho tinto encorpado e um queijo parmesão ralado que derretia no líquido fervente.

Entre sons de talheres, conversas e o sugar da canja. Lá fora, a noite chegava silenciosa e aconchegante!

O jantar da Família Marchesin era aquecido com o amor que a Nona Linda preparava a Sopinha de Letrinhas ou a Canja de Arroz ou de Spaghetti, todas as noites de inverno...



ANA EULINDA MARQUESIM NÓBREGA

Sou professora do ensino público estadual e me orgulho muito de lecionar por 23 anos. Graduada em Letras, Pedagogia, Espanhol e pós-graduada em Criatividade e produção de textos, pós-graduada em estudos de Língua Portuguesa pela Unicamp, pós-graduada em Alfabetização. Realizei vários cursos pela Diretoria de Ensino de Jundiá e também pela Organização Educacional Escrevendo o Futuro. A escrita e a leitura me transformam como pessoa mais crítica, emocional de maneira a tornar minha vida mais linda, leve e criativa; sendo a escrita, um momento em que posso imaginar vários lugares e emoções e vivenciar diferentes personagens, mostrando sentimentos do cotidiano, de várias culturas, da sociedade e do mundo.

E TEM O CAUSO...

O ESTRANHO CAUSO DE UM MENINO COM TRÊS MÃES

Ele nasceu no seio de uma família de imigrantes portugueses vindos para o Rio de Janeiro, nos anos 1920. O filho mais novo do casal luso, um irmão e uma irmã, que não chegou a conhecer, ainda ao beirar os seis meses de idade veio com os pais e irmão para São Paulo, onde até hoje vive já quase nonagenário.

Na capital paulista, em 1937, ao completar um ano e meio de idade, uma série de adversidades aconteceu: o recrudescimento da doença contagiosa do pai, a perda do negócio e a falência, bem como o ser atingido por um surto de poliomielite, a paralisia infantil que o deixou marcado com uma seqüela por toda a vida, fizeram com que houvesse uma radical mudança na sua trajetória de vida.

Abruptamente seria separado, de sua primeira mãe (a mãe biológica), a Dona Aurora, que suportou com extrema dignidade período de tantas agruras, trabalhando como lavadeira e faxineira, visitando o filho esporadicamente.

Com a morte do pai Luiz, que definhou tuberculoso e caquético durante 12 anos, sendo estoicamente cuidado pela mãe, que a ele sobreviveu vindo a falecer aos 107 anos e quatro meses, o agora adolescente de 13 anos voltou à casa da progenitora, onde viveria até que viesse a se casar. Esse, infelizmente, não foi um tempo de paz, harmonia e felicidade, como poderia se esperar, ao contrário, aquele hiato de tantos anos foi de certo modo, impossível de ser contornado, por aquele jovem carente, inseguro e complexado.

Ambos, mãe e filho, não estavam preparados para um reencontro e uma vida normalmente compartilhada, de mútuo afeto. Tudo isso, felizmente foi resolvido no dia em que a anciã centenária, in-

ternada num hospital, lentamente entrou em agonia e ele já octogenário, ali permaneceu noite e madrugada adentro, meditando e mentalmente conversando com aquela enrugada senhora, pedindo em verdadeira catarse, a compreensão para com aquele jovem de outrora que tanto necessitava do amor maternal, mas que também não a havia entendido nas suas dores e frustrações que naquele momento se findavam após uma longa trajetória. Dona Aurora, a primeira mãe, a biológica, deixou este mundo no dia 27 de dezembro de 2015.

Com tantos desacertos, às vezes, desorientando aquele jovem, em 1950, aos 14 anos de idade, estudante do Colégio Estadual Brasília Machado conhece Dona Laura, mãe do colega Pedrinho, e de Wande, Luizinho e Paulinho que desde então se tornaram seus irmãos e família.

Dona Laura e o Sr. Geremias, o seu Pequeno, adotaram o desgarrado que volta e meia se refugiava na casa do Bosque da Saúde, descrevendo àquela senhora as suas mazelas; queria morrer ou sumir do mapa e viajar clandestinamente para algum lugar distante. E aí, Dona Laura, a segunda mãe, a primeira adotiva, ficava longas horas o acalmando, fazendo entender que todos temos problemas, que os pais sempre procuram o melhor para os filhos, ainda que, às vezes, de maneira inapropriada. Depois, com seu proverbial discernimento, ia preparar o panelaço de macarrão, de carne e arroz (o *gohan*), pois afinal a família tinha ascendência italiana e japonesa, e chamava, “vamos meus filhos”, e ele sempre estava incluído nesse inesquecível momento familiar.

A vida seguiu e desde aqueles tempos da década de 1950, permaneceram unidos: Rochas, Meneghines e Okas, estes últimos também agregados amigos-irmãos. Porém, sempre existe um porém, pois as trajetórias de vida, na realidade são marcadas por uma sequência perene de eventos bons e ruins, até que a morte algum dia a todos surpreenda. E assim, no dia 24 de fevereiro de 1976, um terrível acidente levou Dona Laura e seu Geremias, às vésperas do primeiro aniversário do filho caçula daquele que a considerava sua segunda mãe.



A terceira mãe, também adotiva, chegou em sua vida, quando em 1967, conheceu aquela que se tornaria sua companheira por toda a vida. Tinha então trinta anos e passou a conviver com Dona Jovita, a Zitinha, esposa do Sr. Ivo, os pais de Ivane. Foi um duplo amor à primeira vista, pois embora agora fosse adulto e responsável, ainda padecia com as constantes desavenças e atritos com Dona Aurora e seu padrasto Joaquim.

Entrou em cena mais uma vez a solidariedade e a sabedoria, de uma pessoa, que a par de sua inabalável fé no ser humano, de um saudável e infinito bom humor, tinha o dom de, assim como Dona Laura, discernir o momento difícil e os questionamentos de alguém, que não conseguia compreender e enfrentar o abismo que existia entre a sua visão de mundo e o daquela mãe que carregava um passado conturbado e repleto de amargura.

Em muitos momentos em que pensou romper de vez aquele relacionamento, Dona Jovita com paciência ouvia o genro e depois

com discernimento indicava o caminho e a postura ideal, evitando o desfecho de algo que parecia iminente.

E assim, além de sem reservas, aceitá-lo na família, adotou-o também como filho e, embora distante, por morar em Niterói, foi bastante presente, participando ativamente do convívio familiar, preparando enfeites dos aniversários dos netos, organizando bloco de Carnaval e viajando pelo Brasil e exterior, até que viesse a falecer, praticamente em seus braços, no dia 22 de agosto de 2001.

Que estranho caso de alguém de uma família que teve três mães: Dona Aurora (por 79 anos), Dona Laura (por 26 anos) e Dona Jovita (por 34 anos) sendo que a todas até o presente, ele tem perpétua gratidão e um eterno preito de saudade.



ARISTIDES ALMEIDA ROCHA

Professor de Biologia aposentado. Torcedor do São Paulo Futebol Clube, a quem se dedica em pesquisar seus feitos e história. Publicou pela Editora In House artigos e livros, versando sobre religião, genealogia e esporte.

E TEM O CAUSO...

UMA AVENTURA NA ESCÓCIA

Helena é arquiteta e dá aulas na UMAPAZ¹, local do nosso trabalho e onde a conheci, desde 2012. Nos tornamos amigas.

Organiza cursos e dá aulas e oficinas sobre Paisagismo, mas também gosta de aprender. Em março de 2018, estava assistindo a uma aula dada por um colega nosso, geógrafo, que a ilustrava com belas imagens, no telão de um dos auditórios da UMAPAZ. Num dado momento, a imagem de um grandioso jardim apareceu na tela e Helena, curiosa como é e fascinada por sua beleza, imediatamente levantou a mão e pediu licença para perguntar:

– Você sabe me dizer que local é esse? Esse jardim, com essa imagem maravilhosa, onde é isso? Onde fica isso?

Surpreso com a veemência das perguntas, respondeu:

– Ah, eu peguei aleatoriamente por causa da topografia, é na Escócia.

Helena pediu para fotografar a imagem ainda na tela e após a aula, correu para o computador para descobrir mais e encontrou!

A foto se referia a um jardim na Escócia, chamado *The Garden of Cosmic Speculation*, ficando a uma hora de Glasgow (a capital), numa cidadezinha chamada Dumfries.

Ficou mais que curiosa: algo se apoderou dela, uma emoção sem explicação. Descobriu que só abria uma vez por ano, sempre no início de maio. Sentiu um desejo enorme de conhecer, virou uma obsessão!

Tinha que ir até lá, de qualquer jeito. Mas cadê o dinheiro? Como fazer?

¹ A UMAPAZ é uma Universidade Aberta de Meio Ambiente e Cultura de Paz, que existe desde 2008 e fica no Parque do Ibirapuera. Promove cursos, palestras, exposições, seminários e muitas atividades voltadas ao Meio Ambiente.

Teve uma ideia: convidou outro colega para realizar uma oficina sobre minijardins, que ela intitulou *Oficina dos Minijardins das Especulações Cósmicas*. Aproveitou para estudar e pesquisar o que pôde sobre o assunto. Foi um sucesso. Na última aula, entre os agradecimentos, Helena levou o desenho de um aviãozinho, com ela na janelinha, de passaporte em punho, dando “Tchau” para os alunos e colegas do curso! E dizendo: – Eu vou lá! Eu vou lá!

Nessas pesquisas descobriu que no ano seguinte, em 2019, o jardim abriria novamente e exatamente no dia do seu aniversário! Em cinco de maio!

Mais um fato muito singular ocorreu em sua vida: em março de 2018 o proprietário do apartamento onde ela morava decidiu vendê-lo e o ofereceu a ela. Helena ficou muito preocupada, pois não tinha dinheiro nem para a viagem, quanto mais para comprar o apartamento!

E onde iria morar? Separada há tempos, sozinha, não possuía muitos recursos financeiros... e a viagem não saía de seus pensamentos! Entrou em pânico.

Deu uma olhadinha nas suas economias, uma pequena poupança, um dinheirinho guardado há muito tempo no Banco. Foi lá olhar... e... cadê o dinheiro? Havia sumido! Surtada, foi até o banco conversar com a gerente para explicações sobre o sumiço.

A gerente, muito sem graça, assumiu que havia sido um erro do banco, que eles trabalham com muito dinheiro e tal...

Helena teve uma iluminação. Falou para a gerente:

– Mas como? Não é possível! Então eu vou entrar com uma ação, um processo...

– Não, não, não, processo não! Respondeu a gerente.

– O que a gente pode fazer? Completou.

– Eu recebi uma proposta para comprar o apartamento onde moro, que é alugado, mas não tenho recursos para esse sonho. Preciso comprar o apartamento.

A gerente disse:

– Ok, ok! Quanto você tem para dar de entrada?

- Esse dinheiro que vocês tiraram da minha conta!
- Mas isso não dá para nada! A gerente respondeu.
- Sim, mas esse é todo o dinheiro que eu tenho! Agora... o resto!...

Voltou para casa desanimada, sem uma resposta e no dia seguinte ela recebeu uma ligação do Banco:

- Sra. Helena, nós iremos fazer um financiamento imperdível para compensar o nosso erro, pode vir conversar conosco?

Helena nem acreditou no que fez: foi ao banco, aceitou a proposta, assinou todos os contratos e comprou o apartamento!

Saiu de lá exultante! Pensava no que aconteceu e parecia um sonho!

- “Eu comprei, eu comprei meu apartamento!”

Mas, naquela ocasião, o financiamento tomava 70% do que ela ganhava e os 30% restantes eram tudo o que teria para as demais despesas. Daí bateu o desespero:

- “De onde vou tirar o dinheiro para a viagem?”

Pois bem: no final de semana seguinte, num sábado, haveria o lançamento de um livro dos monges do Mosteiro de São Bento, sobre pães. Ela foi, foi muito agradável e comprou um exemplar. No domingo, quando acordou, abriu o livro e viu a primeira receita: era do pão da vigília de Santo Antônio.

Olhou para o livro, olhou para o fogão e pensou:

- “Taí! Vou fazer pão!” No seu condomínio havia um grupo de mulheres empreendedoras, que se reuniam no salão de festas para trocar ideias, negócios e atividades profissionais, além de conversar por *WhatsApp*.

Helena, empolgada, postou sua mensagem no grupo:

- Gente! É o seguinte! Estou pensando em fazer pão caseiro! Vocês me darão apoio?

O apoio foi geral. Timidamente testou sua primeira fornada no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio! E no encontro das quintas-feiras do condomínio, vendeu todos os oito pães que fizera! Assim começou seu novo empreendimento, que batizou de *Projeto Quinta*

Quintana por causa de seu sobrenome, Quintana. Vendia pães para amigos, colegas no trabalho e no condomínio. (Fez isso por nove meses. Contabilizou 900 pães caseiros naturais, elaborados na sua cozinha doméstica).

Mas não havia se esquecido da viagem, nem do Jardim. Com cortes aqui e ali, aperta aqui, economiza ali, foi se equilibrando e aos poucos juntando novamente um dinheirinho, que ia guardando.

Chegou o Natal e o Ano Novo. Recebeu a visita de seu sobrinho e afilhado que mora nos EUA, com a esposa e sua pequena sobrinha-neta. Ficariam no Brasil até fevereiro de 2019, no Carnaval.

Após as festas, já em 2019, ofereceu a eles um café, preparado com todo carinho, arrumado com esmero no espaço social do condomínio. Entre as conversas animadas, a esposa do sobrinho sai com esta pergunta:

– O Helena, eu queria fazer uma pergunta. A gente precisa saber como é que vai ser quando você morrer...

Helena espantada, olhou para o sobrinho, que confirmou!

– Então, tia, a gente queria saber...

Helena travou. Mal conseguiu engolir o pão, que desceu seco pela garganta, e disse:

– Ela, (apontando para a sobrinha-neta depois para o sobrinho e a sobrinha), um dia vai morrer, todos vão! Só não sei dizer a senha.

E o café foi encerrado num clima horrível. Foram embora e ela subiu para seu apartamento, abriu o computador e escreveu um documento sobre como queria seu enterro, com todos os detalhes, inclusive qual flor que queria e não queria, e deixou tudo registrado.

Após esse episódio, Helena tomou uma decisão:

– “Quer saber! Eu vou para a Escócia! Este ano!”

No mês de fevereiro comprou as passagens e colocou na cabeça que isso seria um segredo. Muito organizada, criou uma Pasta da Viagem, detalhando tudo que pretendia fazer e conhecer. Como seu inglês não era bom, resolveu reaprender. Com seus CD's caseiros, que colocava no carro na ida ao trabalho todos os dias, foi se exercitando. E aos poucos, vendendo pães, inglês sendo atualizado,

começou a enviar e-mails para pessoas e fazer contatos com todos os lugares que pretendia visitar na Escócia. Mandava um e-mail, explicava sua história e registrava tudo com fotos. O foco era sua ida para a Escócia. E conhecer o Jardim...

Descobriu que era um projeto de Charles Jencks, arquiteto que lá residia e que originalmente havia sido uma fazenda dada pela esposa, falecida, que tivera câncer e, em homenagem a ela, o criou.

No dia da abertura do jardim ele não ficava lá em sua residência.

Mais uma providência Helena tomou: matriculou-se numa academia. Podia fazer sol ou chuva. Esteira e bicicleta. Foram 40 dias de preparação física e emagrecimento, para a viagem.

Tirou férias. E manteve a boca fechada, não falou nada para ninguém!

Para o sobrinho, enviou algumas pistas falsas como se tivesse interesse em visitá-lo para comemorar o aniversário com ele, perguntando evasivamente:

- Você acha que tal coisa vai abrir aí em maio?
- Tia, você está vindo para cá?
- Não sei ainda... estou vendo...

Para que tudo ficasse perfeito, comprou também uma bota nas lojas Melissa. A bota da viagem, com solado vermelho, que cumpriu um papel importante, pois tudo foi planejado nos detalhes.

Chegou finalmente o grande dia: no embarque em Guarulhos, após o *check-in*, malas despachadas, malinha de mão a postos, tirou uma foto do aeroporto e também dos seus pés juntinhos com a mala e claro, com a botinha. E mandou para seu sobrinho.

Ele, surpreso, de volta:

- Que é isso, tia? Está viajando? Está vindo para cá?
- Sim, estou viajando, estou no aeroporto! Quando chegar eu aviso. Encerrou o assunto, desligou o celular e embarcou.

Assim que desembarcou em Glasgow e ainda do aeroporto de lá, mandou uma outra foto para o sobrinho, dos seus pés, as botinhas em destaque e com malinha de mão bem do lado.

A reação foi imediata:

– Tia, pelo amor de Deus, onde você está? Vamos te buscar!
Em que aeroporto você desceu?

- Não, não, não, não precisa, pois estou meio longe.
- Mas em qual aeroporto você desembarcou?
- Estou em Glasgow! Olha, sobrinho, a gente se fala daqui a onze dias, tá bom?

Cortou a ligação, desligou o celular e foi para a aventura.

É aí que tudo começa!

Em cada lugar, trens, hotéis, passeios, visitas, ela já tinha estabelecido um contato desde o Brasil e sempre foi muito bem cuidada e tratada por aquele povo, gentil e educado. Suas experiências foram incríveis! As pessoas de lá se importam, vinham conversar com ela, pois, com sua alegria, jovialidade, bom-humor e facilidade em se comunicar, também conquistava a simpatia de todos. Conheceu e conversou com muita gente, todas pessoas muito interessantes! – “Até o café ao lado do hotel é de um brasileiro!”, comemorou, satisfeita com o achado.

Todos, no hotel em Dumfries, sabiam que ela ia visitar o Jardim e que seria no dia de seu aniversário. Na pequena cidade há muitas lojinhas, cafés, até um shopping e no preparo para um passeio tão importante, não poderia faltar mais um detalhe: um dia antes de ir, entrou numa papelaria e comprou um *bottom* bem vistoso, com os dizeres: “TODAY IS MY BIRTHDAY”. (Hoje é meu aniversário).

Chegou o grande dia de ir! Logo cedo, tomou um café muito gostoso no hotel e munida de sua mochila com apetrechos indispensáveis para a visita, *bottom* em punho, preparou-se para o passeio, ciente de que o Jardim estaria lotado de pessoas, todas aguardando sua única abertura anual.

Na hora de ir, a recepcionista do hotel, sabedora que ficava num local meio retirado, perguntou:

- Como você vai até lá?
- Vou de ônibus. Respondeu Helena.
- Não, você não vai, não. Vou chamar um táxi para você, o valor compensa!



Fotos: autoria de Helena Quintana.

E chamou. Chegou um carro daqueles completos, maravilhosos, confortáveis! O motorista, um senhor muito atencioso, que foi “conversando” com ela num inglês bem diferente, gaélico, mas se entenderam muito bem.

O senhor com GPS, pois não conhecia a região muito bem, e o GPS apontou que haviam chegado:

– É aqui, chegamos! Disse ele.

Foi quando começaram a ver algo semelhante a uma fazenda.

– Ah, é aqui! E apontou para um portão.

Helena achou meio estranho:

– Está esquisito. Será? Vamos andar mais um pouco.

Chegaram até uma outra porta, e como estava chegando a hora de abrir, às 11h, ela não quis mais questionar, pagou e desceu. Ele ficou mais um tempo ali, esperando, pois não havia ninguém.

– Ah, tudo bem, tudo bem, pode deixar, fico por aqui mesmo. O senhor volta para me pegar neste mesmo local às 17h, tá bom?

Ele concordou com o combinado e partiu. Helena, toda emocionada, pegou sua máquina fotográfica profissional, e com o coração aos pulos, pensou:

– “Cheguei! Estou aqui! Nem acredito, que emoção! Vou entrar”.

Já havia pesquisado anteriormente que o Jardim possuía um lugar muito especial chamado “Cozinha”, uma área onde todos os sentidos estavam representados por esculturas, além de plantas, flores e ervas aromáticas.

– “Não posso deixar de fotografar”, pensou. Porém, sabia também que era um dos locais mais visitados pela multidão, que lotaria os espaços.

– “Quero ver se consigo fotografar de uns ângulos onde não apareça tanta gente”.

Aí ela viu um portão. Abriu o portão. Olhou para o chão, onde havia uma soleira. Totalmente arrepiada pela emoção, pois aí começa toda a experiência pela qual sonhara tanto, reconheceu a poesia inscrita nessa soleira. Quase chorou.

Passou pelo portão e se descortinou diante dela o Jardim “Cozinha”, com belíssimas esculturas e tudo mais que havia visto em suas pesquisas. Entrou já com a máquina na mão, deslumbrada, e começou a fotografar tudo que podia, achando tudo aquilo mais que incrível! Pois, além de tudo, não havia ninguém lá, só ela!

– “Não é possível, não é possível, eu aqui sozinha, parece um sonho!”

E, detalhe. Estava frio, pois a Escócia tem um clima diferente. É garoa, solzinho fraco, friozinho, chuva... ela estava com um casaco vermelho, a famosa botinha do aeroporto combinando, a mochila e depois de se faltar de tirar fotos e até perder a noção do tempo, ela olha e vê, lá no fundo, um pessoal, umas cabecinhas, uns corpinhos vestidos de vermelho também. Foi indo ao encontro deles, só que alguém de lá a havia visto e estava vindo em sua direção. Era uma jovem toda sorridente, que se aproximou, dizendo:

– Hello, Hello, que bom que você chegou! E fez um gesto para segui-la.

Helena, não entendendo nada, respondeu:

– Não sei o que está acontecendo, eu sou do Brasil.

– Mas você não é voluntária? A moça, muito surpresa, perguntou.

– Não, sou visitante!

E já foi puxando as entradas, quando se aproximaram de um grupo onde todas estavam vestidas de vermelho. Eram voluntárias do Hospital que a esposa do arquiteto, a Meg, havia fundado.

Aí a jovem, mais intrigada ainda, perguntou:

– Mas por onde você entrou?

– Eu entrei por lá, por aquele portãozinho, lá longe. Apontou o portão, desconcertada.

Ela arregalou o olho e puxou a Helena, dizendo:

– Vem comigo!

Helena foi e ainda aproveitou para tirar mais fotos nesse percurso, pois estava só com esse grupo de vermelho por perto. Mas daí pensem numa pessoa entrando em desespero! Quando viraram num determinado ponto, havia uma casa. Ao passar por ela, seu olhar encontrou aquela mesma topografia da imagem que vira no dia da aula na UMAPAZ! Quase caiu de costas!

Estava coalhada de gente! Parecia um formigueiro! Era gente demais, uma fila que parecia não ter fim! Ela olhava aquele mar de gente e só pensava:

– “Meu Deus do céu! Brasileiro já tem fama de dar um jeitinho e eu aqui, de vermelho também, como se quisesse ter dado o “golpe do voluntariado”, entrando por um portão clandestino do Jardim, vista sozinha aqui dentro e tirando fotos! E esse povo todo aí, na fila, para ainda entrar!”

E aí a moça a levou até a entrada...

– “Meu Deus, se ela me levar para o fim da fila eu vou embora! Porque aqui... é impossível. Só vou conseguir entrar depois das 15h!”

Mas o Universo, a postos, resolveu dar uma ajudinha. Quando ela se aproximou da entrada oficial do Jardim, que aliás, não era grande coisa não, tinha uma casa na entrada, uma mesinha na frente, com uma lista impressa, uma pessoa e uma caneta. Essa pessoa estava de costas e ao virar-se, exclamou em voz alta, para espanto de ambas:

– Helena!

E a menina voluntária não entendendo nada. Essa pessoa reconheceu Helena pelas fotos e informações trocadas entre elas desde o Brasil! E quando chegou perto, com os ingressos na mão, ela reforçou:

– Que bom que você já está aí! A outra moça olhava e não compreendia nada.

Elas se abraçaram, Helena não fazia outra coisa a não ser dizer e pensar:

– “Obrigada! Obrigada!”

Até tiraram fotos juntas! A partir daí foi só alegria. Helena, muito à vontade e feliz, passeou pelo Jardim até às 17h, e foi tudo muito divertido! As pessoas a cumprimentavam pelo aniversário, pois de *bottom* em punho, ela não passava despercebida! Tirou fotos com muitas pessoas, até almoçou com as voluntárias, comprando um kit almoço servido lá mesmo. Comprou também um livro sobre a história do hospital.

Com sua plaquinha suspensa para todos verem (até cantaram Parabéns para ela!), passou ali as seis horas mais incríveis de sua vida.

Depois de tudo isso voltou com o mesmo taxista e contou-lhe sua aventura, agradecendo demais o bem que ele, involuntariamente, havia feito de forma inimaginável.

Suas experiências incomuns não haviam terminado: voltou para Glasgow, com o tempo horrível. Chuva, garoa, e Helena sem guarda-chuva. Num dos eventos programados por ela, havia uma Exposição de Autômatos. Foi para lá toda linda, penteada e arrumada. Até ali tudo foi perfeito. Só que na volta caiu um aguaceiro

tremendo, ela ficou totalmente encharcada! Tentando comprar um guarda-chuva, entrou numa loja, que não tinha nenhum e depois numa farmácia, onde viu dois guarda-chuvas: um de cabo longo e outro dobrável, bem pequeno. Perguntou o preço e foi pegando, quando o dono da farmácia falou:

- Pode levar, é seu!
- Mas..., mas... o senhor está me dando de presente?
- Sim, disse ele.

- Aqui em Glasgow ninguém usa guarda-chuva. É tradição, todos saem na rua assim mesmo, sem usá-los, com tempo chuvoso ou não. Ela notou que era isso mesmo! E ficou famosa na cidade, pois era só ela que usava! As pessoas a olhavam e se divertiam.

Esse foi o souvenir mais querido que trouxe de lá, junto com as experiências maravilhosas de seu sonho, que se tornou realidade graças à força de sua fé, foco, determinação e com um empurrãozinho (ou “empurrãozão”) da ajuda... do Universo.



Fotos: autoria de Helena Quintana.

Nota 1: O Jardim de Especulação Cósmica é de fato fenomenal.

Criado pelo paisagista, arquiteto e teorista Charles Jencks, em sua casa Portrack House, em Dumfriesshire – Escócia. Grande parte do trabalho de Jencks é inspirado na Cosmologia moderna. Fonte: Wikipédia.



NADIME BOUERI NETTO COSTA

Paulistana, nasceu pertinho do Natal, (22), em 1951. Bibliotecária formada pela USP EM 1974, com pós-graduação em Arte-educação pela mesma Escola, a ECA. Coursou História da Arte no MASP por dois anos. Desde pequena gosta de todas as expressões da Arte, Literatura e dos grandes questionamentos humanos. Foi rotariana, curadora e promotora de exposições de arte, entre outras atividades. Exerceu vários cargos na PMSP: foi chefe do Setor de Artes e Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade. Supervisora Regional das Bibliotecas de São Paulo e diretora da Biblioteca Prestes Maia. Trabalha na biblioteca da UMAPAZ, Universidade Aberta de Meio Ambiente e Cultura de Paz/SVMA/PMSP, no Parque do Ibirapuera. Escreve textos, crônicas e poesias, alguns já publicados em antologias, revistas e redes sociais. Aprecia todas as formas saudáveis de compartilhar conhecimentos, arte e cultura.

E TEM O CAUSO...

UMA PÁSCOA INESQUECÍVEL

O “causo” a seguir foi relatado pelo meu pai Vicente Martellotta Neto e aconteceu nos anos 1950 em São Paulo/SP.

Histórias da vida

“Anos 50, em uma pequena vila do bairro da Zona Norte de São Paulo/SP, dia de Páscoa. Pequenos aglomerados, cada um com seu pequeno ovo de chocolate, zombando de duas pequenas criaturas que não tinham até então esse privilégio...

Eis que de repente, abrem o portão da vila e entra um pai com um ovo de Páscoa de 5 kg nos braços, fazendo os olhos das duas pequenas criaturas brilharem. Ovo de chocolate para toda vizinhança!!

A alegria demora, mas chega para valer!!!

A rifa assinada tinha dado certo!

Esse era o Seu Ernesto, meu pai.

Obrigado pai!!!”

Vicente e seu irmão, Walter, com o tio Humberto.



Foto: acervo do autor.

O pai que entrou na vila com um Ovo de Páscoa foi meu saudoso avô, Ernesto Martellotta, falecido em 21 de junho de 2008. O bairro, era a Ponte Pequena – rua Pedro Vicente. E as duas pequenas criaturas a que Vicente se referiu, eram ele e seu irmão Walter.

É, amigo(a) leitor(a), existe um ditado que diz: “Deus tarda mas não falha”. Mas esse episódio mostrou que Ele não tarda, nem falha. Age sempre na hora certa!



EDUARDO CEDEÑO MARTELLOTTA

Paulistano de 48 anos, mora em Jundiaí há dois anos, é jornalista pós-graduado. Foi Editor-chefe e Repórter do *Jornal do Brás*, de 2004 a 2021. Autor de três livros: *Brás e seus Logradouros – origem e história*, *Vamos falar de Jundiaí?* e *Anos 90 Palmeirenses*.

E TEM O CAUSO...

AS ÁGUAS VÃO ROLAR

Conversas em família são sempre fecundas... trazem à tona histórias de épocas remotas e rendem as melhores risadas... representam terreno fértil para compreendermos aquele comportamento que ninguém explica em nós, mas que está lá, insistente, e tem berço na infância ou no DNA...

Em um desses papos elucidativos, minha mãe me fez uma grande revelação: descobri que nasci com o canal lacrimal entupido! Sim! Isso existe em uma média de 6% dos bebês! E eu fiz parte desta curiosa estatística! Fiquei imaginando como chorar sem lágrimas... pensei muito nisso e constatei que me tornei a maior de todas as choronas de todos os tempos porque tinha um estoque de lágrimas, um banco delas, esperando para serem derramadas! Na escola, na família, no ballet ou no curso de Inglês, eu era sempre aquela “emotiva”, que por tudo se sensibilizava! Ainda hoje, ao encontrar qualquer professora, a recordação é sempre a mesma: “Gabi chorava tanto!” ... Não tive culpa, foi o canal lacrimal! Tudo ele!

Brincadeiras à parte, essa inusitada revelação me fez perceber a importância dos nossos choros. É simbólico – e corajoso! – externar aquele nó na alma que só uma lágrima é capaz de desfazer! Refletindo, constatei que cada momento em que expus minha fragilidade chorando era, verdadeiramente, uma oportunidade de edificar a minha fortaleza! Afinal, cada choro vale ouro! E compreendi que precisava, realmente, ter convertido em pranto as dores, os desamores, as devoluções, as angústias... percebi que Deus tecia minhas asas e me transformava nessas ocasiões em que me despia de qualquer pretensão, de qualquer vaidade, entrando em contato com meu ser mais instintivo, mais essencial! E, indo além, lembrei das Bem-Aventuranças e daquele versículo que diz que os que choram serão consolados.

Em todos os meus choros, TODOS, sempre me senti consolada! E a ação divina era tão sublime, tão profunda, que fazia brilhar o Sol em mim mesmo depois da tempestade... sentia a leveza do amor nos amigos-anjos, na família, nas crianças que dão sentido à minha vida...

Minhas lágrimas passaram, assim, a ser desapego; a exprimir um sentimento que foi vivido, em toda a sua plenitude, mas que precisou ir... e foi! Com tudo isso, aprendi uma lição: chorar é despir o coração do que não é bem, é limpar o espírito, é equilibrar a vida, é purificar. Enfim, entendi que pranto é sinônimo de bênção!

Então, que rolem as nossas águas internas!



GABRIELA WEBER BUONOCORE é a segunda filha de Gabriel e Cecília e sempre sonhou em ser escritora! Diante das metamorfoses da vida, aos poucos, descobriu que este sonho poderia se realizar... por meio da In House, tornou-se capaz do voo de escrever e se tornou uma feliz aprendiz de escritora! É apaixonada por música, pelas letras e pelas crianças, com as quais trabalha há mais de 15 anos. É Relações Públicas, Psicopedagoga, Pedagoga Sistêmica e Consteladora Familiar, além de autora e cantora! Para acompanhar as playlists musicais, é só procurar o projeto **MOVIMENTAMOR** nas principais plataformas digitais.

E TEM O CAUSO...

VÁRIOS CAUSOS

A família tem mãe, pai, crianças e que mãe é todo dia, elas vivem enredos cheios de reviravoltas, enfrentam qualquer obstáculo para ficarem juntas, as histórias têm doses de suspense, drama, comédia, aventura, é claro muito amor.

Relato o conhecimento de que:

1. Pedro, Maria Cláudia e Giovana

Pedro Augusto tinha cinco anos de idade quando o pai abandonou a família. Felizmente, a auxiliar administrativa, Maria Cláudia, mãe do menino, não precisou encarar o desafio de criá-lo sozinha e contou com a ajuda da irmã Giovana, que veio de Salvador/Bahia, para São Paulo para completar o núcleo familiar.

As duas mulheres deram a melhor educação possível para o garoto. Pagaram o financiamento do apartamento, que consumia boa parte da renda; e, aos 18 anos, Pedro entra na faculdade e ajuda a família com o salário de estagiário.

Maria Cláudia perdeu o emprego, a renda da aposentadoria de Giovana era pequena, Pedro bancou a volta da mãe aos estudos.

Atualmente, ambos estão com diplomas na mão, ele se formou (Comunicação Social) e a mãe, o Ensino Médio.

Pedro orgulhou-se de ter retribuído pelo sacrifício a ele destinado – diz o jovem com 23 anos de idade.

2. Lúcia e Elisabete

Aos dois anos de idade, Elisabete foi diagnosticada com Transtorno de Espectro Autista. Dois anos depois, Lúcia se separou do pai da menina e voltou a morar com os pais.

O convívio das duas é intenso – a mãe leva e busca na escola, acompanha as terapias e tem os cuidados necessários para o desenvolvimento de Elisabete, hoje com 13 anos de idade.

Lúcia procurou um emprego que lhe proporcionasse uma flexibilidade de horários; professora de teatro, figurinista e palhaça, direcionando estas atividades para a criança, ocupando o seu tempo de dedicação.

3. Pensei que estava rico!

– Cadê o bilhete premiado, conferi, guardei o dito cujo, e agora não sei onde? E procuro e procuro e não acho o danado, será que o joguei fora, eu não acredito.

Foi um aborrecimento histórico na vida de minha família, pois eu tinha planos de investir.

4. Trigêmeos (surpresa!)

O pré-natal se desenrolava e os exames preliminares apontaram: trigêmeos.

O que fazer agora, se o salário é pouco e as necessidades vão se triplicar? Ainda bem que a comunidade e os amigos foram solidários. Fizeram parte da vida da família.

5. Namorando uma das gêmeas

Estava na casa do sogro, aguardando para irmos para a igreja quando a energia elétrica acabou, naquele momento.

A irmã gêmea da minha namorada, que já mostrava algum interesse por mim, aproveitando-se da situação, beijou-me e, eu, no escuro não percebi, que não era quem eu pensava que fosse, quando a energia elétrica foi restabelecida. Foi então que vi o equívoco cometido e fiquei sem jeito, mas contornei o acontecido para que ninguém percebesse.

A cunhada pediu-me desculpas, dizendo que não resistiu à tentação – mil perdões!

6. O gaúcho sedutor

O gaúcho Geraldo veio para o Rio de Janeiro e foi morar em uma pensão até encontrar um emprego. Essa pensão era uma referência familiar no local.

A senhora Vera, dona do pensionato, gostou do rapaz e deu-lhe o melhor dos quartos.

No quarto, o rapaz trouxe uma mala com uma grande quantia de dinheiro e precisava guardá-lo escondido, quando teve a brilhante ideia de colocar dentro do colchão.

O tempo foi passando, alguns meses se foram e o emprego certo ainda não havia acontecido.

Dona Vera, para agradar o Geraldo e achando que o colchão do quarto dele estava velho e surrado resolveu trocá-lo por um novo.

Geraldo saiu de manhã para fazer algum “bico” e ganhar algum dinheiro extra. Ficou fora o dia todo. Quando chegou na pensão, no final da tarde, deparou-se com aquela cena e enlouqueceu, cadê o colchão velho... e dona Vera respondeu que o caminhão coletor de lixo reciclável levou embora pela manhã.

Geraldo foi até o lixão e nada do colchão, quando foi-lhe informado que já havia sido queimado devido ao péssimo estado de conservação.

E o desespero ficou instalado no semblante do gaúcho que até agora não se conforma com a perda de suas reservas.



DALTON LUIZ SIBINEL

Poeta e escritor. Natural de Jundiaí/SP, Brasil. Filósofo imortal da Academia de Letras do Brasil, Academia de Letras do Portal dos Poetas Brasileiros e Academia Jundiaense de Letras. Administrador público, advogado, sindicalista, diretor de associações civis, participou de várias antologias publicadas pela Editora In House. Quatro livros publicados: *Uma pérola esquecida* (2010); *Uma estrada, um destino... os caminhos de uma vida* (2011); *Descompasso da Administração Pública* (2015); *As nuances de uma curiosidade* (2017) e *O ápice dos pensamentos* (2020).

E TEM O CAUSO...

O PRIMEIRO AUTOMÓVEL

Era lá pelos idos da década de 60, e meu pai decidiu por em prática um sonho que mantinha desde muito jovem, o de possuir um automóvel.

A vida era muito difícil, tempos bichudos, dinheiro contado para honrar compromissos.

De repente, seguindo a filosofia do “querer é poder”, e o sonho tornou-se realidade, ele conseguiu adquirir um “guarda-louças”, apelido dado à geringonça, por minha mãe.

Era um Ford inglês, ano 1947, conhecido como “Prefect” ou algo assim.

Era um carro de porte pequeno, pintado originalmente de cor verde, aquele tom que lembra abacate maduro.

O carro andou da agência de automóveis até a oficina, e por lá ficou por uns seis meses. Apresentou diversos problemas mecânicos, que após muito trabalho foram solucionados pelo meu pai, que mesmo depois de um dia árduo de trabalho, ia até a oficina para tentar por a geringonça a funcionar.

Finalmente, após aquele período de reparos mecânicos, o carro foi para as ruas e a gente podia passear nele.

Devido à imensa ansiedade da família em ir passear no próprio automóvel, meu pai decidiu por não executar o trabalhos de funilaria e pintura que se faziam necessários, sendo que a pintura de cor verde abacate ficou com pinceladas em cor marrom terra, para tratar as ferrugens, deixando o carro todo manchado e tornando-o mais horrível do que já era.



Foto: Divulgação.

A podridão da lataria não era só na parte externa do veículo, mas atingia também o assoalho do carro, em toda a sua extensão, podendo trazer o risco do motor, câmbio e passageiros caírem ao chão.

Foi então, que os mecânicos decidiram criar um assoalho em madeira, e assim, resolveram o “probleminha”.

Vale ressaltar que o possante veículo possuía radiador e a água que era colocada para refrigerar o motor, fervia, deixando o carro todo muito quente.

Certo dia, meu pai foi convidado pelo patrão a ir trabalhar na casa de praia, no litoral paulista num fim de semana e o convite estendeu-se, gentilmente, em forma de divertimento para toda a família.

Que aventura!

Lá fomos nós, pai, mãe e minha irmã, para São Vicente.

Eu e minha irmã nunca havíamos ido à praia.

Minha mãe, bem vaidosa, tratou de arrumar-se com muita elegância, vestindo-se com uma boa roupa e assim também, vestiu a nós duas.

Em determinado momento da viagem, pela Via Anchieta, em meio às alegrias de apreciarmos as paisagens lindas da Serra do Mar, minha mãe avisou ao meu pai de que o carro estava muito quente e o assoalho de madeira estava extremamente aquecido. Suspendeu os pés e notou algo inusitado: suas meias de nylon estavam derretidas, ou seja, não havia mais a parte que cobria os dedos dos pés.

Meias de nylon!!!!!!

Exatamente isso que foi lido agora. No desejo de apresentar-se elegantemente vestida, usou meias finas e transparentes de nylon, provavelmente com cinta-liga para a sustentação, pois não havia ainda a meia-calça, invenção bem posterior e de extremo conforto para as mulheres.

Não sei dizer o que era mais absurdo, em tudo isso acima relatado, se era viajar com um carro que possuía assoalho de madeira

para sustentação, ou se viajar para a praia usando meias finas de nylon para compor um visual de elegância.

Só sei dizer que a geringonça serviu por muitos anos para a diversão da família e obrigou meu pai a engolir muita gasolina para fazer com que o carro subisse a ladeira da Rua Voluntários da Pátria, em Santana, bairro da Zona Norte de São Paulo, aos finais de ano, quando visitávamos uma querida família de amigos, que residia na região.

Um belo dia, meu pai chegou em casa com um maço de dinheiro e avisou-nos de que havia vendido o carro, que iria dar de entrada para um novo automóvel, fabricado no Brasil, um “Dauphine”.

Eu e minha irmã pusemo-nos a chorar de saudade do carrinho horrível, porém que nos levou a muitos lugares, e deixou boas recordações.



IVONETE PICCINATO DE FREITAS

Graduada em Direito pela USP. Atuou por mais de trinta anos na área cível. Participou das antologias: *Dezembros* (2017), *Escritores Brasileiros*, Vol. II, (2018), *Encontro Além-Mar* (2019), *Memórias do Confinamento*, *Navegar é Preciso* e *Solstício da Alma* (2020), *Palavras Sem Fronteiras* (2020), *De Eva a Frida* (2021), *Encontro Literomusical Brasil & Portugal* (2021), *Pandemim, a pandemia em mim* (2021), *Revista JLetras vol. I, II e III*, *Essas incríveis mulheres* (2022), *Soltos ao vento 100 poemas*

buscam seu destino (2022), *Brasil & Portugal 200 anos – Unidos de alma e coração* (2022), *Delicadezas* (2023) e *Santo Antonio - Portugal, Itália, Brasil* – todas da Editora In House. Participação no livro *Gotas de Alegria*, de Nilton Gutierrez (2017). Coautora do livro *Femina*. Lançou em 2021, seu primeiro livro: *Casa de Vidro*, pela Editora In House. São Paulo, capital.

E TEM O CAUSO...

UM VASO ENTUPIDO

Tínhamos mudado há um ano para aquela casa e o filho mais novo contava com uns três anos.

A febre de brincar com mini skates, nomeados *tech deck* tomava conta dos meninos e, mesmo não dominando as manobras, como o mais velho fazia, o pequeno não desistia e todos os cantos da casa, das escadas às pias, transformavam-se em pistas de manobras.

Certo dia, o vaso sanitário do banheiro dos meninos entupiu e o filho mais velho disse que a culpa não era dele e sim do caçula que teria deixado cair um *tech deck* e puxado a descarga e que por isso teria entupido quando ele usou para fazer o famoso número dois.

Jogamos diabo verde, cândida... água fervente... e tudo se resolveu, sob os gritos do caçula que era inocente e não havia jogado o skate privada abaixo.

Tudo não passava de brigas de irmãos crianças.

Mas os casos de entupimento se repetiram... mês a mês. Então, chamamos uma empresa especializada. Esta jogou ar, jatos fortes, desmontou o vaso e nos deu um veredito: “Esse vaso está com problema e não entupido, seria melhor vocês comprarem um novo.”

Passamos um tempo sem os entupimentos, já havíamos até ignorado o laudo especializado, quando o problema retornou; uns dois anos após o início do problema.

Resolvemos jogar alguns produtos mais fortes para ver se melhorava, mas bastavam alguns usos e pronto, entupia novamente.

Era mês de junho e resolvemos trocar o vaso, afinal, não tinha jeito e aquela coisa de cândida e soda cáustica já havia cansado.

Compramos um novo vaso e deu até certa tristeza de ver que o outro estava tão bom... não era velho, mas não servia mais. Ia para o Catatreco na semana seguinte.

Um primo mais velho havia comprado bombinhas bem fortes para uma festa junina e sobraram algumas. Então, os meninos pediram para ele ir lá no nosso quintal para estourar. Eles amavam essas bombinhas!

Só que essa era bem mais forte e não deixei que eles manuseassem.

O primo resolveu colocar uma no gramado e cobrir com o tal vaso sanitário... não deu tempo de interromper o processo, avisando de que seria perigoso. Ainda bem que estavam todos longe quando explodiu e o vaso partiu ao meio e voou alguns pedacinhos de louça.

Eles, então, correram para ver o estrago... e eis que encontraram o *tech deck*!

Ninguém nem se importou com o vaso arreventado. Só ouvi uma risada imensa do primo mais velho e uma gritaria entre os meninos. Um dizendo: “eu disse... eu disse” e outro aos berros: “eu era pequeno, não sabia direito e não lembro”...

Eu apenas cheguei, olhei o skate e disse:

“Agora não importa mais uma coisa ou outra, vamos deixar ele de molho no desinfetante e vocês brincam mais um tempo até ele quebrar, o que acredito que vai demorar muito, pois resistiu a tanta coisa nesse vaso, que deve ser um skate de produção especial”.



SUSANA BUENO DE SOUZA

Fonoaudióloga, Psicopedagoga e mãe de dois rapazes. Participou de várias antologias da Editora In House. É editora de Cinema da *Revista JLetras* e coautora de *Femina* (Editora In House).

E TEM O CAUSO...

A BARATINHA DO VOVÔ



Foto: Divulgação.

Meus avôs eram pessoas geniais. Geniais e geniosas, sem falsas aliterações. Minha avó, espanhola quieta, sábia, de palavras da língua pátria em baixo tom, quando estava brava; meu avô, guerreiro, turrão, teimoso, afeito a uma branquinha que, quando em doses extra-abre-apetite, tinham consequências politicamente devastadoras. Um espanhol firme e provocador, em meio à populosa maioria de italianos da cidade.

Uma das famílias de grande poder aquisitivo na cidade, em determinada época, quando o juízo dos filhos ainda se traduzia em se precaver de algumas traquinagens. Quando cresceram, o importante era manter o bom nome, o qual levou à liquidação as padarias e alguns negócios que tiveram ao longo da vida. Mas isso é outra história, ou muitas histórias.

Ali pelos idos de 30 (não dá pra ser precisa, eu nasci muito tempo depois), meu avô era representante da Antártica na cidade

e tinha uma pequena fábrica de gelo, o que lhe garantia uma ótima situação econômica. Durante o dia trabalhava duro e à noite se deleitava em aulas de francês com o professor Freitas, em casa. O velho Manuel Cubero, pai de cinco filhos, deu-se ao luxo de ter uma Baratinha Conversível Amarela. Quando se avistava o tal carrinho amarelo ouro (gritante!) pelas ruas, já se sabia que ali vinha o espanhol Manuel Cubero. Ocorre que meu avô tinha um sócio (não vou citar nomes, claro!), também casado. O tal sócio tinha uma namorada na periferia da cidade e achou que impressionaria se a levasse a passear pelo campo com aquele lindo carro amarelo. Não se sabe se meu avô sabia dos motivos reais do pedido de empréstimo do carro, mas, porém, todavia, contudo... emprestou. E já sabemos do poder da língua de Jundiaí. Ai, ai, ai... não prestou. Logo chegou aos ouvidos da dona Maria de Las Dores ou Maria Dolores, numa daquelas tardes mornas de cadeiras e conversas na calçada, a notícia de que seu marido tinha saído da cidade em direção ao campo pra passear... acompanhado! Nesse dia Maria Dolores transformou-se em Maria de todas as dores de tantas mulheres que se sabem, por línguas outras, traídas, e saiu gritando casa adentro, *“Ai, que jo lo mato!, Ai, que hoy lo mato!”*, os filhos recolhendo as cadeiras, as mulheres se entreolhando e também se recolhendo em suas casas, escondendo-se por trás das pesadas janelas de madeira, ouvidos atrás das cortinas, tricotando o assunto da tarde seguinte.

Ainda balbuciando em espanhol, dona Maria maquinava mentalmente que atitude tomar. Mas, naquele estado de fúria, apesar de claros, os pensamentos eram raivosos e vingativos. Como atingir o marido de forma que lhe doesse tanto quanto a humilhação a que estava sendo submetida?

No sobradão em reforma da Rua Dr. Torres Neves, o alarido continuava. A tal baratinha amarela impávida e inocentemente estacionada no pátio lateral aos fundos. Seo Manoel no trabalho. Não se sabe de onde apareceu uma lata de gasolina nas mãos de dona Maria. Perigo à vista. Alguns vizinhos, alertados pelos gritos anteriormente profanados pela mulher, observavam, comodamente sentados nos bancos da praça dr. Anastácio, como se fosse um concerto, ou melhor, uma opereta, ao vivo no coreto. Rapidamente o líquido

permeou o carro todo. E lá ia dona Maria riscando o fósforo quando a plateia começou a gritar e um senhor mais brando e calmo do que ela correu em seu encalço pra impedi-la de seu intento. Os filhos, no andar de cima, observavam a cena, assustados, quando alguém gritou: *Joga areia! Areia apaga o fogo!* Nem tinha fogo, mas os cinco, no calor da confusão, desceram e obedeceram cegamente à voz de comando sabe-se lá de quem e começaram a jogar areia na Baratinha. Foi uma festa: a melhor brincadeira dos últimos tempos. E lá se foi o monte de areia da reforma, na brincadeira das crianças. E lá se foi a Baratinha do vovô.

No dia seguinte o carro sumiu. E nunca mais se falou no assunto no sobradão. A paz voltou a reinar na família, que até passeou a pé, por algum tempo; aliás, pouco tempo, mas meu avô jamais comprou outro carro tão chamativo – acho que tão pouco emprestou carro algum pra mais ninguém.



THATY MARCONDES

Thais da Cunha Marcondes é natural de Jundiaí/SP, radicou-se em Ponta Grossa/PR de 2001 a 2013, onde atuou como Conselheira e Delegada Municipal de Cultura (Literatura). Em 2012 lançou o livro *Azul da Prússia* (Estúdio Texto – Contos). Em 2019 lança o livro *Femina* (Editora In House) em conjunto com mais 4 escritoras. Em 2020, em decorrência da pandemia, participa de *lives* da editora supracitada bem como de algumas de fora da cidade e do estado de São Paulo. Responsável pela Editoria da

seção de Prosa da *Revista JLetras* (Editora In House).

- Integrante do grupo Anjos de Prata.
- Membro da AVBL (Academia Virtual Brasileira de Letras).
- Associada à Rede Brasileira de Escritoras.
- Membro correspondente da ALG (Acad. de Letras e Artes de Goiás).
- Membro correspondente da NALAL (Núcleo Acadêmico de Letras de Lisboa).
- Cadeira 24 da AJL (Academia Jundiaense de Letras).
- Cadeira 32 na AFLAJ (Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí).
- Cadeira 34 do GCPPF (Grêmio Cultural Professor Pedro Favaro).

E TEM O CAUSO...

ALECTÍCIA: ESSA NÃO VEIO NO MUNDO A PASSEIO

Minha mãe: Alectícia Carbonari Thomazetto nascida em 1º de agosto de 1924, uma leonina de corpo e alma.

Não sei muita coisa sobre a sua infância, creio que nada muito diferente das outras crianças que nasceram no bairro Traviú naquela época. Muitos irmãos, muito trabalho, pouco dinheiro... mas ela nunca se queixou, contava muitas histórias de quando ia à escola (frequentou dois anos apenas, mas escrevia e lia muito bem). Contava que tinha uma professora que se chamava Dinah, razão de ter escolhido esse nome para mim. Ela e as amigas iam lavar a escola no fim de semana, tinham verdadeira paixão por aquele espaço sagrado para elas. Uma pena ela não ter tido a oportunidade de ter estudado mais.

Uma história que ela sempre contava era que o Hilário Caniato, nosso vizinho, intelectual nato, divisor de águas da cultura do Traviú, certa vez, levou a minha mãe numa festa num bairro vizinho chamado Corrupira para ser a “cabeça humana”, um truque de ilusionismo em que ele a colocou numa caixa e as pessoas que entravam na barraca onde ela estava só viam a cabeça. Confesso que sempre tive um pouco de medo toda vez que ela contava essa história, mas ela tinha orgulho de ter sido escolhida pelo “Nino” como carinhosamente o chamávamos.

Casou-se muito cedo com o meu pai, Marcelino Thomazetto, nascido em 28 de janeiro de 1915.

Um filho atrás do outro, de 1942 a 1968 foram onze. Ela tinha um jeito bem de mandona “*a la mamma italiana*”. Tipo galinha quando nascem os pintinhos. Cuidava de tudo ao mesmo tempo,

dos serviços da casa, na roça de uva ajudando meu pai, dos filhos etc. etc. etc.

Eu sou a nona filha, portanto quando nasci meus irmãos mais velhos já estavam casados, tenho vários sobrinhos quase da minha idade, tenho até sobrinho mais velho que minha irmã caçula. Fomos criados meio juntos. O que temos de história dessa mulher é algo inacreditável.

Fazia coxinhas, doces, bolachinhas de nata, tudo o que nós queríamos e gostávamos. Férias eram épocas de casa cheia, surgiam netos de toda parte, além dos vizinhos da mesma idade que curtiam muito a nossa casa também.

Meu pai também fazia muita coisa para agradar os netos. Fez até uma pequena piscina para nós, ele mesmo quem a construiu. Fez também um parquinho com madeiras que ele trazia do sítio. Como morávamos ao lado da igreja, aos domingos toda a criançada que saía do catecismo ia brincar no nosso parquinho. Era uma farra.

Mas voltemos à minha mãe: dava catecismo, cantava no coral, tudo o que tinha ela participava. Juntamente ao Padre Euzébio e outras pessoas da comunidade criaram a Coroação de Nossa Senhora das Vitórias, padroeira do Traviú. Evento que é realizado até hoje no último domingo do mês de maio.

la em todas as reuniões da escola em que eu e a minha irmã mais nova estudávamos, participava da Associação de Pais e Mes-tres, trabalhava nas festinhas, organizava passeios, enfim, não consigo entender onde ela encontrava tempo para fazer tudo isso. Mas fazia e com maestria.

E não era só com a família, sempre estava pronta a ajudar quando alguém precisava. Chegou até a fazer o parto de uma criança e batizá-la em seguida, pois corria risco de morte. Era uma família muito simples que, quando a parturiente começou a passar mal, o marido correu lá em casa pedir socorro. E vai a Dona Letícia, correndo no meio da noite, para a casa do rapaz.

Desde que me conheço, minha mãe (assim como muitas outras do bairro) trabalhava nas quermesses da igreja. Como nossa casa era ao lado da igreja, os frangos para o leilão eram todos assados

no forno a lenha da nossa casa. Era o dia inteiro, aquele monte de mulher matando, limpando, temperando e assando frango. As festas eram muito frequentadas. Pessoas dos bairros vizinhos todos vinham participar.

Quando eu e minha irmã crescemos um pouco, tínhamos por volta de 10 anos, minha mãe começou a trabalhar fora embalando ou limpando frutas (ela nessa época com quase 60). Saía de casa ainda escuro. O dinheiro que ela ganhava era sempre para fazer um gosto para as filhas. Pequenos luxos, como um brinco ou um anel de pérola quando fazíamos aniversário. O meu foi roubado. Fiquei imensamente triste com a perda, pois não era um simples presente, representava muita coisa.

Costurava muito bem. Fez até o vestido de noiva das minhas irmãs. Ia nas lojas Leopardi, em Jundiá e comprava uma vez por ano, tecido para toda a família. Marcava na caderneta e pagava na próxima safra da uva. Ou então comprava do “Galinha Morta”, um senhor que vinha de Campinas com uma Kombi vender tecidos em casa e levava como pagamento, uma galinha ou ovos... o que tínhamos para permuta. Por isso esse apelido.

Não era politicamente correta, devo admitir. Quando meus sobrinhos vinham passar as férias, tinha que fazer exame médico para frequentar a piscina da Associação Amigos do Traviú. Só que o médico vinha durante a semana e as crianças “desembarcavam” na casa da vó sempre aos finais de semana. Ela não tinha dúvida, pegava as carteirinhas deles e fazia a assinatura do Dr. Amauri que, por muitos anos era quem realizava os exames. Eu não sei se as pessoas não percebiam, ou sabiam e deixavam passar. A questão era que os netos dela não podiam ficar sem piscina.

Ela queria levá-los para a cidade (Jundiá) mas não tinha dinheiro para pagar a passagem de ônibus para todos. Estavam com 13, 14 até 15 anos. Meus sobrinhos eram todos bem altos. Ela entrava no ônibus e dizia para o cobrador: “Eles têm 10 anos”. E empurrava-os para passar por debaixo da catraca. Eles falavam: “Mas vó, não consigo passar”. Isso não era resposta que a convencia. “Vai que dá”. Levava para andar de escada rolante nas Casas Pernambuca-

nas, para comer pipoca no Cine Marabá, enfim o que lhe era possível oferecer. Essas lembranças estão ainda muito fortes na cabeça deles, mesmo depois de tanto tempo. Sempre no aniversário dela, damos muita risada lembrando dessas passagens.



Foto: Divulgação.

Não só eles, muitos primos meus também lembram de tantas coisas dela. Foi uma pessoa marcante, que não veio no mundo a passeio. Em tudo o que fazia, deixava sua marca.

Suas comidas eram as mais saborosas e mais gordurosas que podiam existir. Ela fazia o molho de tomate, sujava a cozinha inteira mas ficava uma delícia. Depois fritava ovos ou pancetta e comia de gosto. Isso sem contar no frango em molho com polenta, ou aqueles bifés deliciosamente engordurados. Por incrível que pareça, nunca teve pressão alta, nem colesterol. Teve sim, muita dor no joelho que tinha que ser mágico para suportar seus 100 kg. Mas nada a fazia deixar de comer o que ela queria.

Por volta dos seus 75 anos, começou a ter mais dificuldade para andar, já não conseguia sair para visitar os filhos que moravam longe, coisa que ela adorava fazer. Sua visão também foi dando

sinais de cansaço. Aos 80 anos começaram a surgir sinais de demência, com alguns esquecimentos. Tive a impressão (impressão de filha tá?) que ela foi se entregando ao esquecimento, pois não era mais capaz de fazer tudo o que ela tinha vontade. Sempre foi tão ativa, alegre... quando se viu em uma cadeira de rodas ou numa cama, acho que a vida foi perdendo a graça para ela. Eu olhava nos olhos dela e não enxergava mais vida. Era um vazio... onde antes só havia energia, agora era um embaçamento. Não parecia mais a minha mãe ali.

Aos 86 anos ela nos deixou.

Mas eu jamais quero terminar esse caso assim, baixo astral.

Meus avós não poderiam ter dado um nome mais especial e apropriado para ela.

Letícia vem do latim *Laetitia* que significa alegria. Essa era sua marca, esse foi o legado que ela deixou para os filhos, netos e bisnetos. Sua alegria era contagiante. Uma pessoa que também fez parte da história do nosso Traviú.



DINAH THOMAZETTO ZANATTA

Cidadã brasileira e italiana, casada. Formada em Letras com pós-graduação em Psicopedagogia. Professora de Língua Portuguesa por 20 anos na Educação. Aos 47 anos me aposentei e me enveredei para a Gastronomia. Hoje sou proprietária de um restaurante no Bairro Traviú em Jundiá.

E TEM O CAUSO...

FILHO E PAI



Num jardim de afeto, laços entrelaçados
Filho e pai, recomeços, sempre renovados
No crepúsculo da vida, na alvorada do dia
Caminham os mesmos passos em dissonante harmonia.

O pai, como o sol que guia o horizonte
Ensina ao filho que há o barco e o Caronte
Com mãos firmes e olhar sereno
Transmite sabedoria, um sábio terreno.

O filho, como a lua que reflete a luz
Cresce na sombra do pai, sempre reluz

Aprende com o exemplo, gestos de carinho
Sinfonia de ensinamentos, terno caminho.

Em noites de tempestade, o pai é o abrigo
Palavras sábias, conselhos, amigo
E na bonança, os cúmplices do vento
Filho e pai, nas trocas aprendendo.

O tempo passa, como um rio que flui
O amor insiste, persiste, não rui
Poesia escrita nas almas, eterna canção
Amor transcendente, imanente, sem divisão.

No palco da vida, filho e pai dançam
Uma coreografia que o tempo e a morte não alcançam
No coração, a melodia de uma alegria profunda
Filho e pai, presenças que ao universo inunda.



JOSÉ FELÍCIO

Historiador, professor, pesquisador e poeta. É autor da série de três volumes, *Uma Poética Política*. Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra – IG/Unicamp. Ao lado de Márcio Martelli coedita a Revista Literária *JLetras*. Integra o Coletivo de Escritores da APEOESP, do Coletivo Cultural Palavras sem Fronteiras. Contribui com o portal de artigos Locomotiva Cultural. Participa do Movimento Subsistência, grupo responsável por arte de rua e projetos integrando arte e educação. É o

idealizador e curador da exposição *Mais África na Escola*. É o organizador e orientador do Projeto Livro *Agora é a nossa voz: o que temos para dizer* – vol. I e II. Responsável pela exposição *Ao vosso trabalho, a nossa gratidão*. É um dos criadores do grupo Sala da Esquerda.

E TEM O CAUSO...

DIÁ DE RISOS E DEBOCHE...

Depenar e limpar galinhas e galos
era com minha mãe Ana e minha avó Dita
Eu acompanhava, assistia,
mas pequena ainda, só via

Passa o tempo, muitas coisas já fazia
E chegou o grande dia...
limpar e depenar a galinha
para o almoço, que em casa, serviria.

Depenar... tranquilo
Ao limpar...
a cabeça da galinha levantou
e o bico, em minha mão tocou

Minha reação foi imediata...
Rapidamente na sala fui parar,
sem nem pensar.
Mas, na cozinha, não queria mais voltar.



E TEM O CAUSO...

SIMPLESMENTE ASSIM...

Sou resultado de netos de imigrantes (italianos, espanhóis e portugueses) por opção ou, como descobri, minha bisavó materna era bisneta de negros escravizados do continente africano. Em todas essas descendências, algo muito forte foi a crença, pois sempre os sustentou em todos os momentos. Uma das histórias que a família sempre relembra, contarei abaixo.

Meu avô paterno, José Balbuena, filho de espanhóis, recebeu de seus pais, o legado da crença em Deus e a confiança fiel em Jesus e, em Maria, representada no Brasil, por Nossa Senhora Aparecida, o que também era compartilhado com o núcleo da família de minha avó materna, Herminia Nallin Balbuena, filha de italianos, então, ficando cada vez mais forte e todo ano faziam a peregrinação, de caminhão, de visitar a casa da Mãe, em Aparecida.

Meu avô, aos 47 anos, foi acometido de câncer na região do cerebelo. Foi assistido, tratado, nos finais ia e vinha da Fratelanza (Hospital Regional, hoje, em Jundiaí/SP) até que, o médico chamou minha avó e lhe disse:

– O que podíamos fazer já foi feito, melhor ele ir para casa, o que pode ajudá-lo a ter uma morte mais digna perto de seus entes queridos.

Minha avó, então, concordou e cuidava dele em casa até que um dia, ele chamou minha avó e lhe disse:

– Herminia, eu recebi a visita de Nossa Senhora Aparecida e ela disse que daqui a três dias, às 15h, ela virá me buscar e disse também que alguém da sociedade, bem de vida, querará criar um dos meninos e não é para você deixar, pois eu, quando possível, estarei por perto, mas ELA jamais deixará vocês desamparados.

Minha avó ficou sem palavras e rezou com ele, mas ficou em dúvida se não seria delírio, já que o médico avisou que teria algu-

mas reações não concretas, que ouvisse, mas não acreditasse.

Os dias passaram, sempre rezavam, faziam as refeições juntos, minha avó cuidando e o ouvindo.

O dia 20 de março de 1957 chegou. Minha avó estava um pouco apreensiva, mas como tinha seus afazeres de casa também, olhava e o deixava no quarto.

Ao retornar ao quarto, exatamente às 15h, meu avô dava o último suspiro, num gesto de paz e tranquilidade.

Todos foram avisados, fizeram o féretro em casa, enterrado no jazigo da família, comprado pelo irmão dele, Salvador. Como meu avô era uma pessoa boníssima, muitas pessoas vieram e acompanharam até o enterro.

Passados os dias, minha avó recebeu a visita e a proposta como meu avô lhe tinha contado. Queriam adotar o meu pai, num comprometimento de que lhe dariam o melhor, principalmente os melhores estudos, nas melhores escolas.

Minha avó agradeceu o empenho dessa pessoa, mas lhe disse que onde comiam duas pessoas (ela e minha tia, na época com oito anos), também haveria espaço e alimento para o meu pai, com 13 anos na época.

Esses fatos, para alguns podem ser “folclore”, conversa, mas para nós é mais uma história, um caso que nos faz sustentar na fé.



HERMINIA APARECIDA BALBUENA

Sou natural de Jundiáí/SP, Brasil. Sou professora, escritora, poetisa por escolha, amor e missão. Amo ler e escrever, estudar, conversar, viajar, assistir a filmes e documentários, cozinhar... viver. Participo constantemente dos Projetos da Editora In House, colaborando com as antologias e *JLetras*. Faço parte do Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro e confreira da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiáí. Selecionada no *Concurso Internacional Uma só Alma* (Brasil/Itália). Lancei, pela Editora In House, o livro de poesias *Vidas & Almas*.

E TEM O CAUSO...

DESCONSTRUÇÃO!

Bella, mexendo em uma caixa, encontrou uma foto de quando era criança e ao perceber que estava agarrada a um poste perguntou:

- Mãe, o que aconteceu aqui? Eu estava com medo?
- Sim! Você viu um homem alto, negro e correu assustada.

Já adolescente, todas as vezes em que pegava naquela foto, instigava-lhe o porquê daquela reação. Quase sempre não entendia, mas com o passar do tempo, tudo foi ficando mais claro.

Seu pai era racista. E se ele tivesse dito algo sobre a pele negra, talvez vinculado a perigo?

Cresceu ouvindo algumas observações pregadas como “verdades”. Mas a vida foi lhe aproximando de amigas “pretinhas”, e esse termo junto a forma de falar e a discriminação, ainda que não soubesse o peso do seu significado, incomodava, fazia-lhe mal. Embora criada em “berço de ouro”, sempre gostou de estar perto das pessoas simples, o que aborrecia profundamente ao seu pai e se fosse “gente escura”, pior ainda. Ah! Mas ela amava suas amigas “pretas e pobres”. Levou tanta “pêa pra não se misturar com esse tipo de gente”. Não adiantava! Ela apanhava num dia, no outro estava agarrada com elas. Queria brincar de bicicleta, de pega-pega, jogar futebol. Lá queria saber de “cor”? A sua cor era a alegria, a diversão, o sorriso.

Sua mãe também era preconceituosa.

E ela, totalmente diferente! Aos 18 anos, para afrontar o pai, pôs na cabeça que assim que pudesse, iria esfregar um namorado “negão” na cara dele.

Achava aquela história um absurdo!



Aos 22, se engraçou por um ator de teatro, ficaram juntos por três anos.

De tanto seu pai falar o lado negativo daquela “relação sem futuro”, separaram-se!

Porém o tempo, com sua sabedoria, ensinou ao velho, o quanto valia um homem preto.

Esse mesmo foi um dos seus melhores atores, pois ele era diretor de teatro e se tornou “o filho confiável”.

Um dia, o ouviu falar, que ele morreria tranquilo se soubesse que “fulano” iria tomar conta de sua filha.

Sim! Ela havia conseguido o que queria, descortinar a ação de criminalizar alguém pela cor de sua pele. Quebrar o preconceito sem antes se dar a oportunidade de conhecer o quanto o outro é maravilhoso, mesmo que tenha cabelos afro ou liso. A jovem rebelde havia feito muitos entenderem o quão é necessário respeitar as diferenças e somá-las para formar um todo, independentemente de sermos brancos ou negros.

O tempo passou e quando menos ele esperou, lá estava ela se envolvendo com um outro artista global e negro. Esse por ser renomado mundialmente, o fez “baixar a crista”. Mas ainda assim, soltou uma piada:

– Mas como você gosta “dum negrão”!

É! Ele estava certo! As brancas, louras, de olhos claros, amam um “negrão”.

Dizem que os opostos se atraem. Será que essa máxima procede? Por mais que tenha estudado sobre, não encontrou as respostas.

O que ela tinha certeza é que o incômodo que sentia dantes, já não mais a perturbava.

Descobriu que a verdadeira beleza está nas diferenças e que o brilho de cada um, independe da cor de sua pele.



BEL LOPES

Escreve desde os 18 anos. Graduada em Gestão de Recursos Humanos com Pós em Neuropsicopedagogia e extensão em Psicanálise. Trabalha há 43 anos nas áreas de Consultoria de Imagem, Educação/Promoção Social, T&D's, Treinamento Comportamental. Prima pelo acolhimento, escutas e acredita no fortalecimento de vínculos como forma preventiva nas relações. Em parceria com a Editora In House desde abril de 2012.

E TEM O CAUSO...

FAMÍLIA DE PERTO E DE LONGE VISÃO HOLÍSTICA



Somos elos de uma imensa e única corrente familiar.

Quando valorizamos a família, parentes, amigos e até mesmo os que não merecem, estamos nos valorizando.

Lembro de que a fonte de renda que nos mantém vivos neste mundo capitalista e livre, também tem que ser valorizada. Não há família se não houver, ao menos, uma renda.

Valorizarmo-nos é o começo da felicidade, porque nesse mundo cada um é um elo da corrente humana global.

Com isso, vem também uma responsabilidade que é a de ajudar a fortalecer um elo quando está fraco.

Numa visão holística e altruística é assim que as coisas funcionam e pouquíssima gente sabe.

A falta desse conhecimento por uma boa parte das pessoas, atrapalha e atrasa a evolução para um mundo cada vez melhor.

Gente que não se vê nessa corrente são elos fracos e quando não ajudados, quebram-se fácil, comprometendo a evolução do mundo.

Dependemos das pessoas de maior compreensão e sabedoria, de maior poder econômico, político, de conhecimento, de empatia, de experiência, esclarecimento, generosidade, paciência, persistência e visão, principalmente, para divulgar e repassar, incansavelmente, este princípio, ensinando, incluindo pessoas, reforçando e energizando-as para ficarem fortes e não comprometam a corrente.

Repassar conhecimento, ter atitudes positivas, reforçar elos dessa corrente universal, aos poucos, consegue-se dar força e andamento à evolução, criando, perceptivelmente, um mundo cada vez melhor.

Você que é um elo forte dessa corrente, inspecione os elos mais próximos se estão fracos e não deixe que se quebrem.

Percebeu a responsabilidade? Não adianta ficar só reclamando.



VANDERLEI NEGRO

Natural de Jundiáí. Administrador financeiro aposentado. Ex-consultor de empresas, ex-professor de ensino técnico e universitário. Realiza trabalho voluntário em instituições sem fins lucrativos. É escritor e poeta. Publicou os livros: *Pontos de vida ou de vista*, que contém 50 anos de crônicas escritas ao longo de sua vida, e *Mexendo com a Educação e Terapia na Pandemia no Século XXI - Reflexões* – todos pela Editora In House.

E TEM O CAUSO...

INCOMPLETA SINFONIA

A noite já vai alta, mais algumas horas e a luz, aos poucos vai tornar tudo às claras. Tudo? Não, nem tudo... porque por mais que eu queira, eu não consigo enxergar o que houve.

Também, quando percebi alguma coisa estranha, muitos anos já se haviam passado e, mesmo assim, ou até por causa disso, ninguém nunca comentou algo que indicasse algum caminho, algum vestígio de onde eu poderia encontrar aquela que também seria a minha irmã.

O nome não sei, que fim levou, também desconheço. Hoje, não tenho mais meus pais e a compreensão que tenho do ocorrido me leva a refletir sobre as atitudes das pessoas, diante do medo de enfrentar os próprios fracassos.

Vasculho meu baú de lembranças na tentativa de desvendar algo que tenha ficado em algum cantinho. Tento juntar um pedaço da história aqui, outro ali... os vãos ficam pelo caminho.

Rememoro. Na casa dos meus pais morava também a minha tia, irmã da minha mãe. Sempre ouvi dizer que era uma pessoa tão boa quanto minha mãe, sempre disposta a ajudar em tudo o que fosse necessário, num tempo em que a pobreza era tão grande quanto as dificuldades.

À época em que tudo ocorreu, minha mãe me carregava em seu ventre. Mãe de dois meninos, com uma saúde frágil, lutava dia após dia para alcançar o momento em que me daria à luz. Diante da necessidade de tanta ajuda, a presença da tia que se desvelava nos cuidados com a irmã, com os meus irmãos e com a casa, era preciosa.

Então, com o passa-palavra, todos começaram a comentar a repentina ausência da tia. O que houvera?

Aos poucos o burburinho revelou que ela fora ter sua filha longe dali.

Após alguns meses, retornou sozinha. Minha mãe, cada dia mais debilitada e eu prestes a nascer. Estava lá a tia para cuidar de mim desde os primeiros dias de vida, pois minha mãe não resistiu, faleceu logo após o meu nascimento.

Agora, eram três meninos sob os seus cuidados. Lembro como ela brincava de carrinho comigo... eu e meus irmãos íamos à escola sempre sob as suas recomendações. Ao chegarmos sempre havia uma comidinha gostosa. À mesa, ela e meu pai ouviam atentos nossas peripécias. Àquela época, já estavam casados.

Entre nós dois sempre houve uma relação materna. Para os meus irmãos sempre foi tia. Confesso que várias vezes, persegui seu olhar triste, perdido ao longe... como se quisesse ouvir um acorde longínquo. Então, voltava seus olhos para mim e via que eu olhava sua tristeza e logo fazia alguma brincadeira para me distrair.

Hoje penso, não cuidou da filha, mas amou-nos, amou a irmã... amou meu pai. Da sua criança, nunca disse uma só palavra.

Agora, após tantos anos, sinto saudade de uma irmã que não conheço, que não sei onde está. Como é possível negar sentimentos, negar uma filha, assumir os sobrinhos. Imagino o que devem ter sofrido esses pais. E eu? Por que demorei tanto para compreender que preciso conhecer essa minha irmã?

Amanheceu um novo dia, abro a porta, vou em busca da cadência que falta à harmonia da minha vida.



VERGINIA LUCCHETTA DI NALLO

Nasceu em 05 de outubro de 1956, é casada com Luigi Di Nallo, reside em Pedrinhas Paulista, estado de São Paulo. Professora aposentada com formação em Letras, Pedagogia, Teologia e Mestrado em Educação. Publicou contos, crônicas e poesias por meio das editoras In House, Brecci Books editora, ARLEC Academia Rio-pretense de Letras e Cultura e Aletti Editore. Gosta de escrever, caminhar, fazer licores e bolachinhas. Atividades que permitem exalar emoções e aromas.

E TEM OS CAUSOS...

A MAGIA DA FÁBRICA DE PIRULITOS!



Corria a década de cinquenta. A casa grande de assoalhos largos e brilhantes cheirava à cera Parquetina. O pai, a mãe, seis filhos e um vovô. Mesa farta, fogão de lenha no canto estalando labaredas, cesta de vime repleta de ovos aguardando a vez para ser omelete de requieijão, réstias de cebolas e alhos penduradas no batente da porta da cozinha avisavam que ali tudo era saboroso. Nesta casa, além do calor do fogo que vivia de mãos dadas com o dia e a noite, existia também o calor do bem-querer. Crianças em idade escolar, uniformes, lanches, cadernos e livros. Tudo era conseguido pelos esforços dos responsáveis. Mamãe não trabalhava fora de casa pois a lida diária era estafante, mesmo assim, sempre dava um jeitinho amoroso para aumentar a renda familiar. Então, lembro-me de nossa fábrica de pirulitos. Papai fez um lindo tabuleiro de madeira e com o arco de pua fez dezenas de furinhos onde eu, pequenina, recortava papel manteiga de várias cores, enrolava no dedinho fa-

zendo pequenos cones, torcia a ponta, e delicadamente colocava cada um num buraquinho do lindo tabuleiro. Mamãe fazia a calda para o pirulito de vários sabores e ainda com o líquido fumegando enchia os pequeninos cones de papel colorido enquanto meu irmão mais novo enfiava depressa o palitinho de bambu, caprichosamente cortados por vovô, antes que o líquido brilhante esfriasse. E o tabuleiro, como num gesto de magia, transformava-se num colorido campo de delícias. Então, meu irmão com o tabuleiro pendurado no pescoço saía a entoar alegre o inesquecível refrão:

– Pirulito! De abacaxi, limão, groselha e figo!!!

Eu ia ao seu lado, toda importante e arrumadinha, com o embornal a tiracolo para guardar as moedas. E assim percorríamos as calçadas do jardim após a missa onde todos se reuniam à espera da procissão. Vendíamos o delicioso produto e retornávamos felizes saltitando a ouvir o tilintar do nosso tesouro.

Mamãe contava uma a uma as moedinhas e, em seguida, eram cuidadosamente guardadas num bule de louça enfeitado de florezinhas azuis, que ela chamava de miosótis, no guarda-louças da sala de jantar.

Num belo dia, mamãe esvaziava o bule sobre a mesa, recontava as moedas, chamava-nos e dizia feliz: “Eis o dinheiro para pagar a livraria”. Era com o dinheiro dos pirulitos que mamãe comprava o material escolar: cadernos, lápis e livros. E nós íamos felizes cumprir a obrigação de fazer. Foi assim que aprendemos a ter responsabilidade, espírito de solidariedade, amor ao trabalho e a alegria do dever cumprido, cientes das dificuldades que a família enfrentava, porém, todos unidos e felizes vencíamos os obstáculos na grande luta pela conquista dos sonhos, cuja arma utilizada era o amor.

Até hoje, quando abraçada pelo silêncio de minha saudade, me vejo a saltitar feliz pelas calçadas ouvindo o tilintar das moedinhas e a voz de meu irmão a entoar:

– Pirulito! De abacaxi, limão, groselha e figo!!!!

AO FRITAR DOS LAMBARIS...



Como é sabido, a linda e airosa cidade onde nasci tem o privilégio de ser acariciada pelas águas tépidas do Rio Tietê, que alinhava caudaloso as terras vermelhas por entre as pedras das corredeiras a entoar o cantar barulhento das águas...

Rio majestoso, onde a pesca se destaca como programa favorito dos habitantes desse “pedaço do céu destacado do arco-íris”! Sempre digo que, na minha casinha, na Av. Tenente Peliciotte, ao entardecer, adentra pela varanda uma leve brisa refrescante que toca meu rosto com perfume de água doce... é a brisa do Rio Tietê a despertar lembranças de infância.

E essa história se inicia numa manhã de sábado ensolarado, quando, ao despertar, já ouvia meu pai juntando as “traias” para a pescaria. Primeiro ele preparava o angu de fubá, pegava as varas, as chumbadas, o embornal com comida, a latinha de minhocas, o

samburá, o chapéu de palha, o “radinho” de pilha e o sempre presente paletó de casimira! Todo sábado era a mesma ladainha.

Tudo pronto e lá ia meu pai, João de Mello, para a calçada esperar seu grande amigo Chico Fortunado que todo sorridente chegava para pegar o amigo com sua lambreta e a cachorrinha Chica, pintadinha de branco e marrom, que aderiu à arte da pescaria incentivada pelos dois amigos. E, lá iam os três pela Av. Orlando Beluzzo, ainda de terra, não sem antes darem uma paradinha na venda do Antonio Guertas, para comprarem algum petiscos e seguirem em frente. A dupla de pescadores ficou conhecida na cidade, assim como a Chica que ia toda lampeira aos pés do condutor da lambreta.

Um belo sábado, chega da pescaria meu pai com o samburá repleto de lambaris e decidido foi para o quintal para limpar os peixes. E tira as escamas, as vísceras e lava e tempera. Um trabalhão que eu acompanhava passo a passo, imaginando a fritada de lambaris quentinhos para o jantar. Minha mãe no fogão de lenha, ao crepitar das labaredas, caprichava no arroz e feijão, na batatinha frita e com esmero preparava a salada de rúculas com rabanetes colhidos diretamente da nossa horta! Enfim, tudo programado! Meus irmãos se divertiam com o jogo de trilha, minha irmã fechada no quarto pois não apreciava peixe.

E dito e feito, logo os lambaris temperados eram passados na farinha de trigo, mergulhados no óleo quente e, quando dourados, colocados na grande travessa de louça, apetitosos e suculentos perfumavam o ar. Terminada a fritura, meu pai, como quem não quer nada, pegou a travessa de lambaris e, em vez de colocar na mesa, que já estava pronta para o jantar, seguiu pelo corredor externo, chamou a vizinha da casa ao lado, uma não muito jovem e viúva, que saiu na janela toda sorridente para receber o mimo do vizinho. Quando percebi que os lambaris estavam tomando outro rumo e que, certamente, não iria sequer provar os petiscos no jantar, corri para a cozinha e gritei;

– Mainheeeeeê! O pai levou os lambaris para a vizinha!

Pronto! O inferno de Dante se instalou ali naquele momento! Minha mãe pegou uma “guasca” e foi alucinada verificar o fato (era

ciumenta, de sangue forte, descendente de alemães). Eu, lépida e curiosa, corri atrás para não perder o final da história e vi quando meu pai estendeu a travessa de lambaris, por entre a cerca de jativocas, para as mãos da vizinha que sorridente agradecia o saboroso mimo e vi também o hilariante arremesso da “guasca”, que por sorte bateu na travessa de peixes, pois o alvo não era bem esse com certeza. Os saborosos lambaris voaram pelos ares, enquanto a vizinha rapidamente desapareceu de cena, trancou a janela diante dos despautérios de minha mãe. Meu pai? Desapareceu rua afora a passos largos sem tempo sequer de pegar o paletó de casimira! E foram os gatos que se deliciaram com a farta chuva de lambaris!

Por isso e por tudo o mais, meu querido e saudoso pai tinha o costume de me chamar de arrelenta, enxerida e sabereta, esse último demorei muito para entender o real significado!! Na verdade ele tinha razão! Doces lembranças!!!!



VALDEREZ DE MELLO

Filha de Adelina Pulpa de Mello. Valderez Ana Maria de Mello Cornacchione é graduada em Pedagogia (1978), Direito (1995) e Especialização em Psicopedagogia (1993) pela UniAnchieta Jundiaí/SP. Especialização em tratamento de Autistas pela USP/SP (2002). Responsável pela Clínica de Educação Infantil Estímulo e Ação desde 1995. Membro efetivo da Academia Jundiaiense de Letras, da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí e da Academia Jundiaiense de Letras Jurídicas. Fundadora e membro efetivo da Academia Baririense de Letras e Artes. Articulista do *Jornal de Jundiaí* e *Jornal Noticiantes da Região de Bauru*. Autora de livros de poesias, contos, crônicas e de histórias infantis.

E TEM O CAUSO...

VOCÊ... PRESENTE DO CÉU !!!

Converso... com minha “família afetiva” de alma e espírito, com Antoine de Saint-Exupéry e o Pequeno Príncipe (pequenino surreal)!

Num surto de impulsividade, emoção incontida...

Ouso, à revelia de “suscitar melindres”, escrever atendendo a um irresistível impulso interior...

A estória “quase surrealista” do meu Pequeno Príncipe e de sua busca pela “rosa” (única no mundo)!



Surrupião as amarelecidas páginas do meu livro, releio emocionada, essa viagem... ele buscou e encontrou a rosa, só ela era capaz de lhe “presentear” com a verdadeira dádiva chamada felicidade... o amor!

Dimensão infinita, recordação, viagem através do “cosmos”, sinto você família...

Acho que não sou um cogumelo, porque consigo entender o você-criança que sentiu verdadeiramente o Pequeno Príncipe, trazendo para fora de nós mesmos a criança que ainda sobrevive e clama pelas Rosas do Mundo!

Que bom sentir você Antoine, acima dos testes e dos cogumelos...

Na verdade, tentando aprender com você a olhar a minha rosa e achá-la a única no mundo, aprendi a dizer, a mim mesma, que preciso e quero ser mais sensível!

Aprender a olhar para os meus “irmãos em Cristo”, como parte de mim e reflexo de um juízo maior, sem trincheiras das palavras ou gestos, apenas como filhos do mesmo Jesus molhado de sangue, castigado pelos espinhos da Rosa!

Espinhos originados, quiçá, na maldade dos homens, que nada enxergam além do real das coisas... castigando de incompreensão, aqueles que lhe dão liberdade para machucar, sem critérios e limites!

Quero e preciso de você, meu irmão príncipezinho, que pergunta sem parar o “porquê” das coisas.

Amo o trecho no qual a flor diz, para o Pequeno Príncipe, que ela não precisava mais da redoma, que ele havia feito para ela não se resfriar, nem ser destroçada pelos bichos: “(...) é preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas, dizem que são tão belas!” (ela era uma flor muito orgulhosa...)

Dentre outros... o sétimo planeta foi a Terra...

Literalmente o espaço do Planeta Terra, onde coabito com meus irmãos e dedico este texto a Antoine Saint-Exupéry, que considero minha família espiritual, no calor do afago e aconchego!

Fraternalmente, adeus Antoine e Príncipezinho!



ANNA MARIA GALLO

Poeta, Pedagoga e Diretora de escola.
São Paulo/SP.

E TEM O CAUSO...

OS CAUSOS...

Vem memórias lindas, bem alegres e também encrenquinhas...

Primeiramente, amo, amo, amo o Natal. Quando pequena tinha uma rotina na casa da vovó Júlia, mãe da mamãe; casa da vovó Inês, mãe do papai.

A gente tinha o tio Zeca, que era o Papai Noel (irmão do meu amado papai João).

O caso sério é que, às vezes, ele esquecia a roupa, ou ela – a roupa, com as botas – não chegavam na hora.

Nós, as crianças, ficávamos agitadas e muito ansiosas, mas quando tudo se concretizada era uma grande festa e sempre valia a pena.

Em casa nós éramos em cinco irmãos. Eu acreditava na chegada do Papai Noel e sempre colocava as meias dos cinco na janela.

Amava ouvir o “disquinho”, na pequena “vitrolinha” com músicas natalinas. E repetia, repetia, repetia... e o mais lindo era que a minha alma ficava feliz. Que coisa boa!

Sempre amei preparar os enfeites. Houve uma época em que minha casa era uma espécie de “shopping de Natal”.



Foto: acervo do autora.

As vizinhas vinham ver os enfeites dentro da casa.

Adoro as luzes tão coloridas e brancas, piscantes. O pisca-pisca fora e dentro de casa.

Teve um ano que estava tudo tão lindo que deixei tudo até a chegada da Páscoa.

Acreditem...! Foi um causo atípico. Mas, para mim, um afago de ternura em meu coração!



Nossa, estava esquecendo do Presépio na casa da minha amada mamãe Beatriz. Um trabalho artesanal e feito com muita fé. Todos que se aproximavam, rezavam com muito respeito e esperança...

Até hoje, tanto a árvore, os enfeites e o presépio são feitos. É muito lindo de se ver e vivenciar a paz e a beleza que ali são representados.

Nunca me esqueci das três folhinhas de louro para que meus irmãos e tias pusessem na carteira. Todos esperam as folhinhas...

Um simples gesto que simboliza um querer bem para as pessoas.

CAUSOS DE FAMÍLIA

Atualmente, faço origamis de Natal.

Amo fazer e aprender com a minha Mestre Mari Kanegae, pessoa da maior nobreza de espírito, simplicidade e competência.

Origami é relaxante, ativa a minha memória, paciência, criatividade. Um benefício, que se traduz em... felicidade!

PAZ

AMOR

ESPERANÇA

A TODOS UM CARINHOSO E TERNO NATAL.

VIVA 2024!!!!



LAURINDA AUGUSTA DE MORAES

Natural de São Paulo. É Arte-Educadora. Brincadora de Histórias e Contadora de Origami. Participou de várias antologias da Editora In House.

E TEM O CAUSO...

NÍVEL DE INTELLECTUALIDADE



Seu Valdemir, vulgo Cominho, é homem inteligente, alegre, mulherengo, contador de estórias, charadas e causos. De acordo com ele mesmo, ganhou esse apelido por ser um homem forte e saboroso como o tempero. Mas desconfio que o motivo seja outro.

Como profissional ele pode ser pedreiro, eletricista, encanador ou qualquer outra coisa que um pai de família precise fazer pela manutenção de sua casa e não tenha dinheiro para contratar.

Apesar de ele ser o contador de causos o que lhes contarei hoje não foi ele quem me contou. Esse eu presenciei.

Sua nova empreitada estava sendo construída, no terreno da família, uma casinha para sua filha do meio. E, para isso, contava com a ajuda de sua filha mais velha que ali lhe servia como aprendiz. Entre uma massada e outra nas paredes iam conversando sobre

matemática, filosofia, música. Os assuntos eram os mais diversos. A cada pausa a garota se servia de um copo com água e Cominho de uma dose de Velho Barreiro.

O pai era orgulhoso do desempenho dela. Afinal, ela concluiu o ensino médio, enquanto ele restando o último ano, desistiu. Todavia ele sentia que podia agregar-lhe algo e de fato o podia. Portanto tinha prazer em lhe falar sobre as poesias, filosofias e enigmas contidas nas letras das músicas de Raul Seixas, algumas penso que ela não entende até hoje, apenas concordava, pois a cada pausa do trabalho o homem ficava mais teimoso.

Quase ao fim daquele expediente, houve uma discussão acirrada, cujo assunto acabou escapando-me, mas não importa, pois o importante mesmo foi o desfecho dele. O homem já exaltado e com a face avermelhada esbravejou a ela: “Seu nível de intelectualidade ainda está muito longe do meu”. Ela simplesmente pegou o litro de Velho Barreiro na mão, deu uma olhada, constatou que estava abaixo da metade e disse: “De fato! Na verdade, para eu chegar a esse nível é praticamente impossível”.

Cominho acabou achando graça e rindo com a filha. O fato espalhou-se e agora sempre que alguém vai entrar em discussão certifica-se em que nível de intelectualidade ele está no momento.



NÊ SALOMÉ

Natural de Francisco Morato, amante de Iguape e moradora de Embu das Artes/SP. Casada com Klayton, mãe do Miguel e da Izabel. Como musicista participou da gravação do DVD da Orquestra Experimental Pró-Morato no teatro Polytheama em Jundiaí/SP. É funcionária pública e discente em Letras. Como escritora escreveu algumas crônicas e poesias. Lançou seu livro de romance em 2022 intitulado *Porque na vida... Qualquer hora é hora!*

E TEM O CAUSO...

DEIXA ESTAR



Quando Lavinio estava no terceiro ano da Faculdade de Medicina, tinha uma rotina de levantar às 6h10.

Após a troca do pijama por um uniforme branco e de fazer suas abluções matinais, entrava no bar do Sr. Matheus, seu pai, esse desperto desde às 5h30.

Tomava um cafezinho, conversavam um pouco sobre os momentos que haviam passado, os que estavam na pauta do dia, talvez um assunto novo.

Sr. Matheus tinha um gosto enorme em ver o filho sair de manhã cedinho, ir para a faculdade, vê-lo se afastar caminhando em direção ao futuro que lhe dizia ser esperançoso. Sentia-se orgulhoso.

Até aquela hora em que o Lavinio começou a dizer que iria deixar de estudar, que não frequentaria mais a faculdade e, com isso, explicou que o pai economizaria a mensalidade pesada e terrível, além de não haver suporte para ele que pretendia casar com a Maia.

Tinha que casar, os problemas se avolumavam com a demora e com o namoro prolongado, a vida com a namorada iria desandar.

Conforme dizia isso, o senhor Matheus ia empalidecendo, olhos bem abertos fixando o Lavinio, as esperanças que tinha com ele iam-se esfumando.

Já percebendo que não mais o veria indo, sumindo na esquina rumo ao trem que o esperava até dez para às 7h.

Então, desesperado, o sr. Matheus colocou a mão no ombro do Lavinio, interrompeu a contínua conversa do rapaz que dizia que teria que procurar um emprego e lhe disse:

- Deixe estar.

Repetiu mais enfático:

- Deixe estar!

O Lavinio ficou emocionado, conteve-se, olhou para o pai que o contemplava paternalmente, deixou o copo na pia do bar, segurou-se muito para não abraçar o pai, saiu e foi embora.

O pai ficou olhando o Lavinio, todo serelepe escapuliu, esgueirando-se pelas bordas das calçadas.

Tudo voltou ao normal.

Os fregueses apareceram, o trânsito aumentou, o dia iluminou-se, só faltavam os passarinhos chilreando, todos animados.

O Sr. Matheus ainda pensou, tudo tem que mudar para ficar exatamente como antes.



JOÃO AIRES DE VASCONCELOS

Nasceu em São Paulo, no mês de agosto, tempo frio em vias de ficar quente. Estudou na Escola Paroquial do Brás, colégio Domingos Faustino Sarmiento. Depois Medicina em Mogi das Cruzes. Sempre escreveu muito, em pedaços de papel, em receituários, em folhas de papel em branco. Publicou seu primeiro trabalho *Gotinhas de ninar* no jornalzinho do colégio Sarmiento, levou depois disso, 60 anos para outra publicação. Talvez o trabalho exigente da medicina, talvez as incertezas de suas realizações, talvez o mundo de amanhã.

E TEM O CAUSO...

O ESPÍRITO DO NATAL

Era o dia 6 de dezembro do ano de 1961, no bairro do Brás, na cidade de São Paulo.

Orestes, gaúcho apaixonado por São Paulo e pelo Brás, ali morava com sua família, faziam poucos anos que viera de Caxias do Sul. Estava saudoso dos Natais passados com sua numerosa família do Sul.

Lembrava da mãe Carmelita vinda da Andaluzia, Espanha, seu pai Agostinho, também vindo da Europa, do Veneto, e sentia muitas saudades de toda família com seus doze irmãos. O Natal era uma festa onde tradições variadas traziam beleza e emoção misturadas, desde os enfeites até os pratos, onde aromas e sabores marcaram para sempre sua memória.

Lembrando de tudo isto, emocionava-se, pois sabia que nunca mais poderia reviver tais momentos nos quais, risos, lágrimas, abraços, beijos e a sensação de amor e paz faziam a sua vez na comemoração do nascimento do Menino Jesus.

A família do sul estava agora bem distante, por muitos quilômetros e, principalmente, pelo tempo que tudo transforma e como...

Ele agora estava com sua própria família: esposa e três filhos.

Prezava por aquela festividade e iria manter essa tradição. Nos últimos anos ainda não conseguira ter um Natal como queria.

Ele gostava de ter uma árvore natural e a enfeitava com as crianças e a esposa Alzira.

Alzira tinha mãos abençoadas, preparava um peru recheado com uma deliciosa farofa que emanava um aroma absurdamente sedutor por toda casa e vizinhança. Tudo era fantástico mas faltava algo... depois de muito refletir descobriu... era o presépio!

Orestes era um artista, esculpia com o cinzel no aço, na prata e com o ouro criava joias maravilhosas, moldando-as com seu talento.

O símbolo de toda aquela festa seria a encenação da noite mágica e seus personagens.

Pensou em seu primogênito, Orestes Filho, um guri amado, mas que portava um problema sério de saúde, as sequelas de uma paralisia cerebral, isso o deixava bem consciente do seu papel de pai, sentia-se grato pela situação não ter sido pior. Agradecia o fato do seu filho poder andar e falar, mesmo que não perfeitamente e de ser muito alegre. Era uma criança adorável.

Orestes fazia no Natal uma espécie de oferenda em agradecimento pela família.

O seu segundo menino era muito esperto, saudável, o Odair, um pouco irrequieto pela energia acumulada. Alice era a menina caçula.

Orestes finalmente teceu planos para a realização do presépio e acabou resolvendo que sua caçula Alice, seria perfeita para desempenhar aquela tarefa.

Naquele dia, depois de chegar do seu trabalho da oficina de joias no edifício da Av. Rangel Pestana, bem defronte ao Ministério da Fazenda, resolveu chamar sua menina Alice para comprar um presépio.

O relógio marcava 18h30 quando pai e filha saíram do sobrado ao lado do Copacabana, uma bela confeitaria e restaurante ali no Brás, na Av. Celso Garcia, para a tarefa de adquirir um presépio.

Ao passarem bem próximo da estação dos bondes, surgiu uma loja com vários enfeites natalinos.

Luzes, bolas coloridas, velas, pingentes de várias formas e várias esculturas de Papai Noel, de formas e materiais diversos.

Alice caminhou pela loja e parou extasiada diante de um presépio. Chamou a atenção do pai dizendo :

– Papai, este é o mais lindo, olha o Menino Jesus!!!

Orestes nem teve dúvida, era o melhor presépio da loja, nem tanto pelo tamanho ou preço.

Afinal, não eram ricos, mas o valor daquele conjunto de peças feitas de gesso se devia ao delicado trabalho. Eram encantadoras tais esculturas, clássicas com traços bem definidos e com uma aura angelical. Quem as criara deixara um pouquinho de divino em suas figuras.

A Nossa Senhora Mãe de Jesus era quase perfeita e São José seguia o mesmo processo.

Depois todos integrantes do presépio obedeciam essa harmonia de formas até chegar ao menino Jesus... o bebê mais lindo na manjedoura que poderia se encontrar.

Pai e filha saíram completamente satisfeitos da loja dos enfeites com sua brilhante aquisição.

Orestes chegando no sobrado, escolheu um local próximo à árvore de Natal para montar o presépio.

Ensinou passo a passo a melhor maneira de montagem para Alice, aluna de arte sacra, naquele momento.

Com um papel tipo céu noturno escuro, cheio de pequenas estrelas fizeram a decoração do firmamento acima do presépio, depois um lago com o pescador, peixinhos, tartaruga e patinhos. Próximo da manjedoura, ovelhas, árvores, galinhas, pintinhos, galo etc.

Mais um pouco além, vaquinhas e pastores. Os três Reis Magos, próximo à manjedoura, com seus presentes mirra, incenso e ouro. Balthazar, Melchior e Gaspar.

Além dos Reis Magos, os pastores com suas ovelhas. Dentro do estábulo, as vaquinhas, o burro e as ovelhas próximo à manjedoura onde o menino Jesus é o Rei dos Reis.

Alice, emocionada, aprendeu a montar o presépio e foi sua tarefa ano após ano. O Natal era a festa mais importante de todas na agenda daquela pequena família.

Naquele ano de 1961, o Natal foi memorável para Orestes, Alzira, Orestes Filho, Odair e Alice. Um Natal perfeito no qual os presentes eram para o Deus Menino.

Para eles, a alegria de estarem juntos em harmonia, representava o amor verdadeiro.

Os anos passaram, o tempo fez sua parte ceifando personagens, colocando outros, reunindo e afastando.

Alice cumpre até hoje seu papel fazendo o presépio... “o mesmo!”. Foi adquirindo peças e aumentando, mudando, criando e inovando ano a ano.

Esse presépio antigo meio danificado pelo tempo sempre acompanha seus natais.

Seus amados pais partiram.

Alice, hoje, ensina aos netos e netas como montar o presépio.

O importante é a comemoração do nascimento do Menino Jesus trazendo a esperança de um novo começo para todos.



MARA BEATRIZ MENEGOTTO DE VASCONCELOS

Nasceu em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, em 24 de maio de 1950. Advogada formada pela Faculdade de Direito Mackenzie. Reside em São Paulo, capital. Tem várias paixões: Família, marido, os quatro filhos, os 11 netos, amigos, jogar xadrez, música boa – eclética –, artes em geral, pintar telas – abstrato e impressionismo –, cozinhar, ler etc... Enfim, tem paixão em viver. Coautora do livro *Os Sete de Sampa*, I e II (Editora In House).

Lema: Amanhã será outro dia!

E TEM O CAUSO...

O CASAMENTO

Este “causo” é verídico e aconteceu com a minha família.

Eram dois irmãos. O mais velho tinha uma filha beirando os quatro anos de idade e o mais novo, duas filhas. Uma com três e a outra com dois anos. O mais velho seria padrinho de casamento. Vestiu a melhor roupa e deu uma atenção especial para a filha. Queria que ela ficasse impecável e conseguiu. Ela parecia uma bonequinha. Estava linda!

A mãe se ocupou a semana inteira procurando o que havia de melhor para vestir sua filha. Encontrou o que queria. Um lindo vestido branco, de rendas. Fez questão até de engomá-lo. Vestiu-a como uma princesinha, com meias impecavelmente brancas, sapatinho de verniz também branco, além de um belíssimo laço de fita vermelha enfeitando o cabelo, no qual demorou para fazer um penteado apropriado para a ocasião. O irmão mais velho estava feliz por ter sido convidado para ser o padrinho da noiva. Tinha de chegar na igreja com alguma antecedência e, pelo caminho, deixou sua filha no irmão e esse se encarregaria de levar a sobrinha para o casamento, com as primas e a tia.

Meia hora depois, o irmão mais novo seguiu para a igreja com a esposa, as duas filhas e a sobrinha. No trajeto, desabou a maior tempestade, aquelas de verão. Chegando lá, a chuva já havia amainado, entretanto, os pingos ainda continuavam a cair. Sua esposa desceu primeiro do carro, pegou o único guarda-chuva que havia e saiu com as duas filhas. Pôs uma no colo e, segurando a mão da outra, entraram na igreja. O irmão mais novo, preocupado em levar a sobrinha com o maior cuidado possível, ao invés de pegá-la pela mão e levá-la andando, pegou-a pela cintura para retirá-la do carro com medo de que ela pudesse se sujar. Como ainda chovia e estavam sem guarda-chuva, ousaram enfrentar aquela garoa. No instante em

que colocou a sobrinha no chão, notou que a chuva não estava tão fraca assim e sua sobrinha, sem nenhuma proteção, molhou todo o cabelo, desmanchando o penteado que sua mãe levou horas para deixá-lo bonito, não restando nem o laço de fitas intacto. Um pequeno detalhe! Ele não tinha percebido que na calçada onde havia colocado sua sobrinha, havia se formado uma poça. A menina era mais pesada do que imaginava e seus braços não conseguiram segurá-la adequadamente. Teve de colocá-la no chão. O que aconteceu? Colocou sua sobrinha bem em cima da água da chuva que havia sido represada e, o pior de tudo, é que havia lama no seu interior. É evidente que aquela água lamacenta sujou todo o sapatinho branco de verniz, as meias que eram alvíssimas ficaram bege e o vestido que estava engomado, também ficou todo respingado de lama. A criança entrou na igreja aos prantos e teve de se conformar com o ocorrido.

O casamento transcorreu normalmente e a cerimônia foi até mais longa que o habitual e, ao término dela, todos se dirigiram para a festa. (O irmão mais velho com a esposa iria encontrá-los mais tarde). Entraram no carro e lá foram eles. Já estavam há uns dez minutos no trânsito quando alguém percebeu que a sobrinha não estava no carro. Conclusão! Esqueceram a menina na igreja. Ficaram apavorados e voltaram em disparada e, por sorte, a sobrinha ainda estava sentada no mesmo banco, chorando. Depois disso seguiram para a festa onde todos se divertiram, porém, o irmão mais velho nunca ficou sabendo do ocorrido naquele fatídico dia do casamento...



NILTON GUTIERREZ

Nilton Gutierrez escreve desde 2015. Publicou seis livros solo e participou de várias antologias pela In House.

E TEM O CAUSO...

VIDA DE EDITOR

Há vinte anos, iniciei a minha trajetória na produção de livros em nossa empresa familiar, a Editora In House. Este nome foi dado para trazer aconchego e o escritor para perto, para que ele se sinta em casa. E, durante este tempo todo, inúmeros casos aconteceram. Vou contar um deles.

ELE DIZIA QUE ERA O NOVO PAULO COELHO

Este caso aconteceu logo nos primeiros anos de trabalho na editora. Um escritor reuniu-se comigo para apresentar o seu livro. Ele mal se apresentou e já chegou falando assim:

– Tenho aqui um livro que vai vender um milhão de exemplares. muito mais do que o Paulo Coelho! – essa frase eu voltei a ouvir muitas outras vezes, mas essa foi a primeira vez.

Empolgado, o escritor foi explicando o livro, disse que tinha sido premiado e que estava me oferecendo uma grande oportunidade.

Editora pequena, em seu início... confesso que até me empolguei, mas sem dinheiro para investir em obras, disse que trabalhava sob demanda, na qual o próprio escritor bancava seu livro.

E ele insistia: “mas este livro vai estourar em vendas, você vai ver!” Conversa vai, conversa vem, acertamos que veríamos a melhor forma de produzir o livro dele – ele querendo que eu bancasse tudo e eu deixando claro que era o autor que deveria bancar.

O fato foi que ele ganhou um prêmio em dinheiro no mês seguinte. Dinheiro esse que daria para produzir uma tiragem do livro

e iniciar a grande venda de livros que ele garantia que venderia. Ele voltou a me procurar? Claro que não – *of course not*.

Na semana seguinte, quis o destino que eu o encontrasse no centro de Jundiaí; foi quando o indaguei:

– E aí, vamos produzir o seu livro? Agora que você ganhou o prêmio poderá multiplicar o seu ganho. Afinal, seu livro vai vender um milhão de exemplares...

A resposta foi:

– Então, sabe como é, eu preciso ir ao dentista, comprar um laptop... vou gastar o dinheiro nisso.

– Mas e a venda de um milhão de livros? Vai poder ganhar tudo isso se investir nele – foi o que eu disse.

– Eu vou deixar para mais tarde... – e mudou de assunto.

Moral da história: usar a boa fé e o dinheiro dos outros em uma ideia que sabe ser sem futuro é fácil, não é? Agora acreditar em si mesmo e investir seus próprios recursos, nem pensar! Coitadinho do editor que sempre fica com a fama de incrédulo. Como esse caso, tenho muitos outros. Um dia, quem sabe, *Vida de Editor*, virará um livro recheado dessas peculiaridades. Por enquanto, saboreie o caso do autor que dizia que era o novo Paulo Coelho.

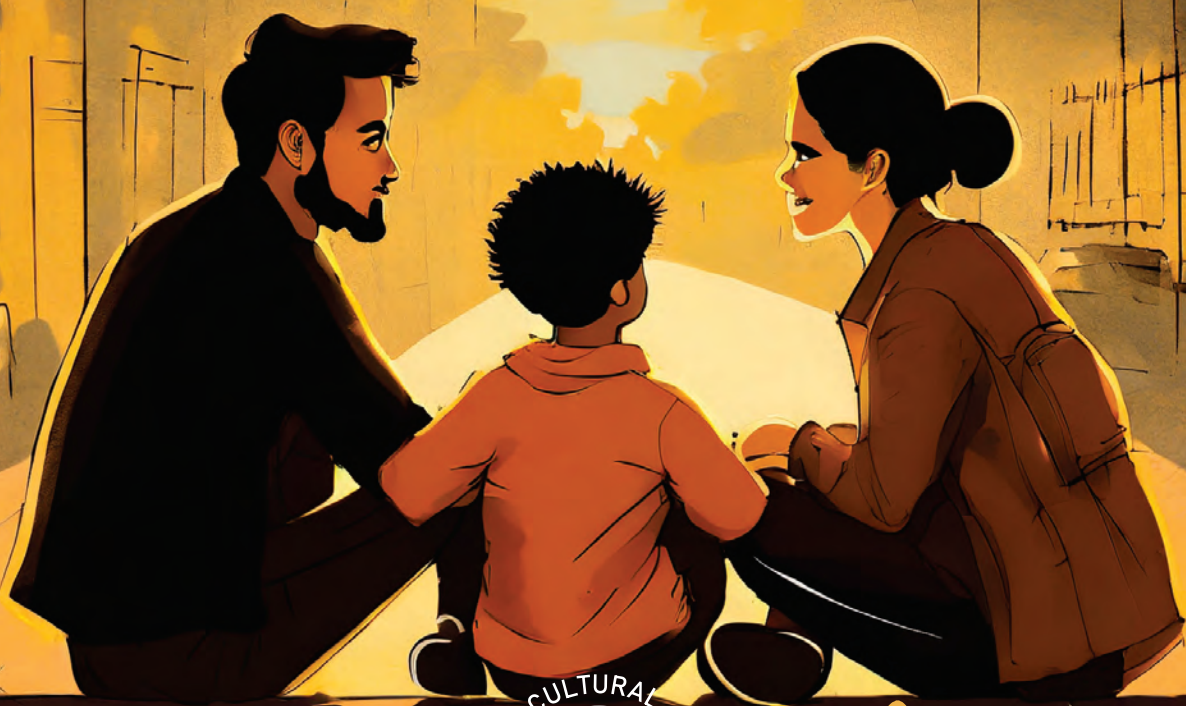


MÁRCIO MARTELLI

Escritor brasileiro nascido na cidade de Jundiaí, em 1968. Atual presidente da AJL – Academia Jundiaense de Letras – Biênio 23/25. Doutorando e Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra, no Instituto de Geociências/Unicamp. Editor de livros com mais de 1.000 títulos produzidos. Participou de diversas Bienais Internacionais do Livro no Brasil e de feiras do livro em Portugal. Publicou 50 livros autorais. Em 2021, lançou os livros: *Hermes* (prosa), *Afrodite* (poesia) e *Estuário da Alma* (em coautoria com Jorge Trigo). Em 2023, *Depois da longa e sinuosa estrada* (poemas) e foi coautor de *Encantaria*, além de organizar e participar de diversas antologias literárias.

NÃO SEI, SÓ SEI QUE FOI ASSIM!

(Ariano Suassuna em *O Auto da Compadecida*)



ISBN: 978-85-7899-735-9



9 788578 997359



editorainhouse
www.editorainhouse.com.br